





MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

Itinerário de um não lugar

Flora Gabrielle Pia di Martino

M

2017





***Itinerário de um não lugar***

*caminhar numa paisagem talhada, Vila Viçosa, Alentejo*







*para as que criam*



*para as pedreiras, as mães e as mãos*



## *Agradecimentos*

aos meus professores, aos meus amigos e a minha familia

Saule, Sarah, Clémence, Thomas, Giulio, Rafal, Francisco, Lise, Susana, Paulo, Dominique, David, Viviane, Andre, Daniel, Mario, os pedreiros, Carlos, a CECHAP, o Seminário de Vila Viçosa, Claudia, Luís, Jean-Yves, Rita, Guillaume, Grégoire, o Bairro Ignez, Albe, Isabel, Philippe, Pierre, Lisa, Raphaele, Ninja, Hermance, Antoine, Clémence, Lucy, Quentin, Amina, Frédéric, Carol, Hélio, João, Filipe, Antonio, José e Beethoven

e a todas as outras pessoas, animais e flores que tornam este caminho mais lindo

*“Heaps and holes are the first human manifestations in the landscape.”*  
JELLICOE G. (1991) *The landscape of man*. Thames and Hudson



0 100m

UNOR 5, 2016



## *Resumo*

No Alto Alentejo, escavamos mármore desde o tempo dos romanos. A paisagem do anticlinal é talhada.

O território forma o negativo do conjunto dos movimentos presentes e passados, sejam geológicos, meteorológicos humanos ou vegetais. *O itinerário de um não lugar* revela a alquimia do tempo e do espaço na matéria.

Os percursos nómadas, industriais e contemplativos tornam o não lugar num *hortus conclusus* aberto onde derivamos.

A proposta apresenta uma metodologia de projeto de arquitetura no território. Da extração à construção até à ruína.

## *Abstract*

In Alto Alentejo, marble is excavated since Roman times. The landscape of the anticlinal is a carved out one.

Territory shapes in negative the past and present movements. It witnesses the activity of geology, meteorology, humans and vegetation. This *itinerary of a non place* reveals the alchemy of time and space in matter.

The nomad, industrial and contemplative itineraries transform the non place into an open *hortus conclusus* where one can wander.

The proposal presents a method for the architecture project.

From extraction to construction, till its state of ruin.



<i>a expedição</i>	20
<b>N 38° 44' 5.7906" W -7° 23' 49.5888"</b>	

*o prelúdio - linhas paralelas  
a viagem*

<i>a descoberta</i>	34
<b>O ARQUIPÉLAGO NEGATIVO</b>	

*o oceano  
as ilhas  
a terceira paisagem*

## ***Itinérarios***

<i>o nomadismo</i>	38
<b>O PALIMPSESTO DE CAL - UA</b>	

*UA - P. caiação vegetal  
UA - L. estuque no chão  
UA - E. património branco - património vivo*

<i>as infraestructuras</i>	80
<b>SEGUIR A ÁGUA - UB</b>	

*UB - P. um dia - uma fonte  
UB - L. a água é so uma  
UB - E. um novo ecossistema*

<i>a contemplação</i>	96
<b>OBSERVATÓRIOS DE PEDRA - UC</b>	

*UC - P. promontórios de bloco  
UC - L. grutas continuas  
UC - E. vestígios e solstícios*

<i>a integração</i>	114
<b>ARQUEOLOGIA DO FUTURO - UD</b>	

*UD - P. o olho do fóssil  
UD - x. atlas de esculturas sem escultores  
UD - x. o mapa*

<i>Conclusão</i>	134
------------------	-----

## ***Anexos***

condicionantes  
bibliografia

*Si la notion de paysage mérite d'être honorée, ce n'est pas seulement parce qu'elle se situe de façon exemplaire à l'entrecroisement de la nature et de la culture, des hasards de la création et de l'univers et du travail des hommes, ce n'est pas seulement parce qu'elle vaut pour l'espace rural et urbain. C'est essentiellement parce qu'elle nous rappelle que cette terre, la nôtre, que nos pays sont à regarder, à retrouver, qu'ils doivent s'accorder à nos sens, répondre de la façon la plus harmonieuse qui soit à notre attente. Le monde (et donc notre existence) vaut la peine d'être parcouru, aimé, salué, connu, reconnu. Il y a là un acte d'allégresse et d'allégeance à l'égard de ce que la bienveillance de la nature et la ferveur laborieuse de nos ancêtres ont su nous léguer."*

SANSOT P. (1983) *Variations paysagères*. Payot

*"Le graal, même si, en fait, nous ne le trouverons jamais nous revient toujours de droit en ouvrant sur nous même cette perspective dont le point de fuite est nécessairement un point aveugle. L'image si séduisante soit-elle, oblitère pourtant l'objet réel du voyage qui n'est pas de trouver mais de perdre, pas d'unifier mais de multiplier, pas de raconter mais d'écouter."*

TIBERGHEN G. *Le principe de l'axolotl & suppléments, essai sur les voyages*. Acte Sud

Com uma bicicleta, um comboio, uma caravana ou um autocarro fui para Évora, Estremoz ou Vila Viçosa. Percorri esta paisagem a maioria das vezes sem saber por onde ia.

Cinco viagens.

Cinco viagens para desenhar um itinerário

Cinco viagens que tornam esta paisagem num jardim.

Da viagem ao jardim

A apropriação da paisagem

A domesticação dos caminhos

O reconhecimento dos marcos

*segundo a definição de Gilles  
Clement, un jardim é um sitio que  
nós observamos, conhecemos e  
cuidamos*

A viagem ou a sua transcrição num itinerário é uma alquimia itinerante, a transformação do espaço em tempo e do tempo em espaço.

Se cristalizamos este processo, temos:

a taxonomia - que fixa o espaço no tempo

a história - que fixa o tempo no espaço

O itinerário de um não lugar aborda as relações entre o espaço e o tempo, entre a escultura e o seu movimento, entre a paisagem e as suas forças criativas.

*segundo a definição de Robert  
Smithson, um não lugar como es-  
paço entropico*

A forma da paisagem é o negativo do conjunto das energias presentes no sítio - geológicas, meteorológicas, vegetais, animais ou humanas.

Cíclicas ou caóticas, a paisagem é a imagem do movimento.

Neste sentido a paisagem guarda a sua definição pictórica. E a sua experiência é narrativa por essência. Nestas esculturas ingénuas, escavadas, escondidas, a história escreve-se e apaga-se, o homem amontoa os seus desejos e talha os seus vestígios. O itinerário propõe uma leitura do sítio permitindo o seu percurso, acolhendo a deriva. Ele revela o negativo da paisagem.

O percurso é alternadamente nómada, industrial, contemplativo, integrado e sempre sensorial.

*in visu, in situ, in vivo*

O itinerário transforma o não lugar num jardim

como um *hortus conclusus* aberto.

*a expedição* **N 38° 44' 5.7906" W -7° 23' 49.5888"**





**o prelúdio**  
**linhas paralelas**

*Título original: Linhas paralelas*  
*Ano de produção: 2005*  
*Argumento – Realização – Produção: colectivo OSU*  
*Locais de rodagem: Porto – Évora – Vila Viçosa*  
*Suporte imagem: Mini DV*  
*Suporte som: Mini-Disc*  
*Duração: 47 min.*

O curso de “processo construtivos e substrativos” da professora Susana Piteira começa no dia 13 de fevereiro 2014 com a projecção da curta-metragem *Linhas paralelas* do colectivo USO.

Mostra a peregrinação de um homem ao longo do caminho de ferro e das pedreiras abandonadas de Évora a Vila Viçosa.

“O desafio do Alentejo, em 2005, nasceu da ideia de envolver os alunos da Escola Secundária de Vila Viçosa na pesquisa da sua Paisagem cultural através do cinema.

O projeto linhas paralelas dá corpo a uma viagem de ficção entre o passado, o presente e o futuro e ocupa, sensibiliza e utiliza a linha Évora – Vila Viçosa pelo 100º aniversário da sua inauguração. A recolha de arquivos e memórias do quotidiano passado funde-se com imagens do presente e deseja um melhor futuro.”

O trabalho do colectivo desenrolou-se com a comunidade através de debates, encontros e eventos.

Ao longo da curta metragem podemos ver entrevistas de pessoas relacionadas com as pedreiras ou a linha de ferro: Rui Dias, geólogo da Universidade de Évora; José Séquiel, antigo trabalhador da estação de Borba; Agostinho Moreira, escultor; Antonio Rocha, pedreiro; Antonio Moren, morador da estação de Borba; Susana Piteira, escultora e professora assim como as peregrinações do narrador a ler extratos do livro “Nenhum Olhar” de José Luis Peixoto.

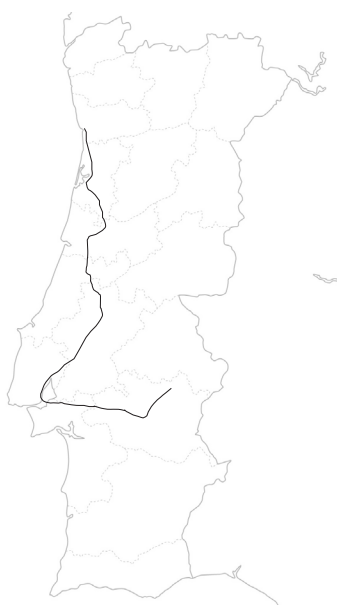
Estas visões diversas ajudam-nos a perceber o impacto territorial da indústria extrativa do mármore e da infraestrutura de transporte.

Mostram a pluridisciplinaridade do assunto, económica, paisagística ou politicamente.

Este processo de abandono dos locais iniciou-se em 1959 com a chegada da electricidade às áreas de exploração, que acelerou bastante o desenvolvimento das escombrelas. O fecho do troço entre Évora e Estremoz a 1 de Janeiro de 1990 reforça esta dinâmica.



## a viagem



itinerário

Alguns meses depois de ver este filme, eu pergunto a uma amiga a morada de uma empresa de extracção de mármore para quem ela esta a trabalhar. Ela deu-me as coordenadas geográficas. Desta forma decido ir de comboio para Lisboa e de bicicleta até Estremoz.

Atravesso o Tejo de barco até Montijo; depois sigo pela EN4 até Pegões, Vendas Novas e Montemor o Novo. Na estrada circulam maioritariamente camiões e as aldeias tornam-se áreas de descanso. A estrada não tem sombra e as grandes fitas de asfalto voam em alguns lugares.

Depois de Montemor apanho uma boleia no resto do caminho que me separa de Évora.

A primeira pedreira que visito fica em Estremoz, ao lado do cemitério no limite da cidade. Ao seu lado encontra-se um pequeno atelier de escultura e a sua escombreira miniatura. Antes de ir embora pergunto se posso levar um pequeno bloco de mármore cor-de-rosa. É um pavimento polido nos seus cinco lados, deixando o sexto ondulado e raspado; bruto.

No dia a seguir, vou um pouco mais longe num conjunto de pedreiras que ficam a alguns km de Estremoz.

Primeiros passos no pó de mármore entre as pedras alinhadas.

Descubro o barulho das gruas, dos alarmes, das pedras a cair. Algumas pedreiras estão abandonadas, inundadas, e tornam-se espelhos de água turquesa.

Eu visito o museu do mármore. Um armazém perto de um supermercado na “periferia” de Vila Viçosa. Ali a estrada de mármore que vem do paço ducal e do seminário torna-se asfalto. Os prédios esfregam os terrenos baldios e os mosaicos aquáticos das calçadas novas. O museu apresenta algumas ferramentas, amostras e fotografias antigas.

Fico desapontada e saio de Vila Viçosa em busca da minha pedreira  $N 38^{\circ} 44' 5.7906''$   $W -7^{\circ} 23' 49.5888''$  Oriento-me com uma imagem satélite.. Paro, comparo o ângulo desta estrada, continuo... Ninguém a quem posso perguntar o caminho.

Perto de Bencatel, um rebanho de ovelhas protegia-se do sol

debaixo de uma grande figueira. Atrás delas, ao longe, uma montanha de blocos. De repente esta paisagem parece uma cena bíblica. Escombreyras como torres de babel são monumentos erguidos para atingir o céu. Os deuses. E este território é um conjunto de santuários, mas para a glória de quem ? de quê ?

Talvez da matéria em si.

O que vai sobrar desta paisagem daqui a centenas, milhares de anos? Qual sera a sua arqueologia?

O que serão as interpretações sobre o sentido de tudo isto?

Esta paisagem, esta terra, oferece materiais nobres... materiais milenares, o mármore, as oliveiras, a cortiça, os cavalos e as vinhas. Materiais que o homem aprendeu a transformar, a valorizar, a disciplinar. Uma domesticação longa que formou ferramenta que forma a paisagem.

Num pequeno trilho de terra entro num portal aberto. Um cemitério de pedras. A minha bicicleta, enterra-se no pó de mármore. Só vejo guias até ao horizonte, e ouço estes alarmes, já familiares.

Uma quinta ainda ocupada com a sua capela. Os cães ladram, os galos correm, a cavidade aberta. Escadas de um lance só descem até uma massa de agua que tem uma forma de cruz.

Vertiginosa.

Observo um bloco a subir. A sua lentidão é quase vegetal. Alguem propõe-me de deixar. Recuso. Só dois anos depois é que aceitaria. Escadas que mais parecem escadotes, montadas como um papel na parede.

Aproximo-me  
do limite

os meus sapatos na linha, linha que mergulha, direita, talhada. As paredes são pictóricas. Ficar na beira do precipício, mas também de um quadro, de uma cor, de uma matéria. Este confronto de escalas, a inversão da topografia e o som sufocado transformam esta pedreira num espelho para o imaginário.

Ao lado estão as pedreiras Cochicho que são as mais profundas de Portugal.

Aquela mais ao sul culmina a 175 metros de profundidade. Varias plataformas talhadas que redesenham uma paisagem a baixo do nível do mar.

As máquinas, os pedreiros e as pedras realizam um ballet, coreografado pela geologia, ditado pela forma das montanhas desaparecidas.

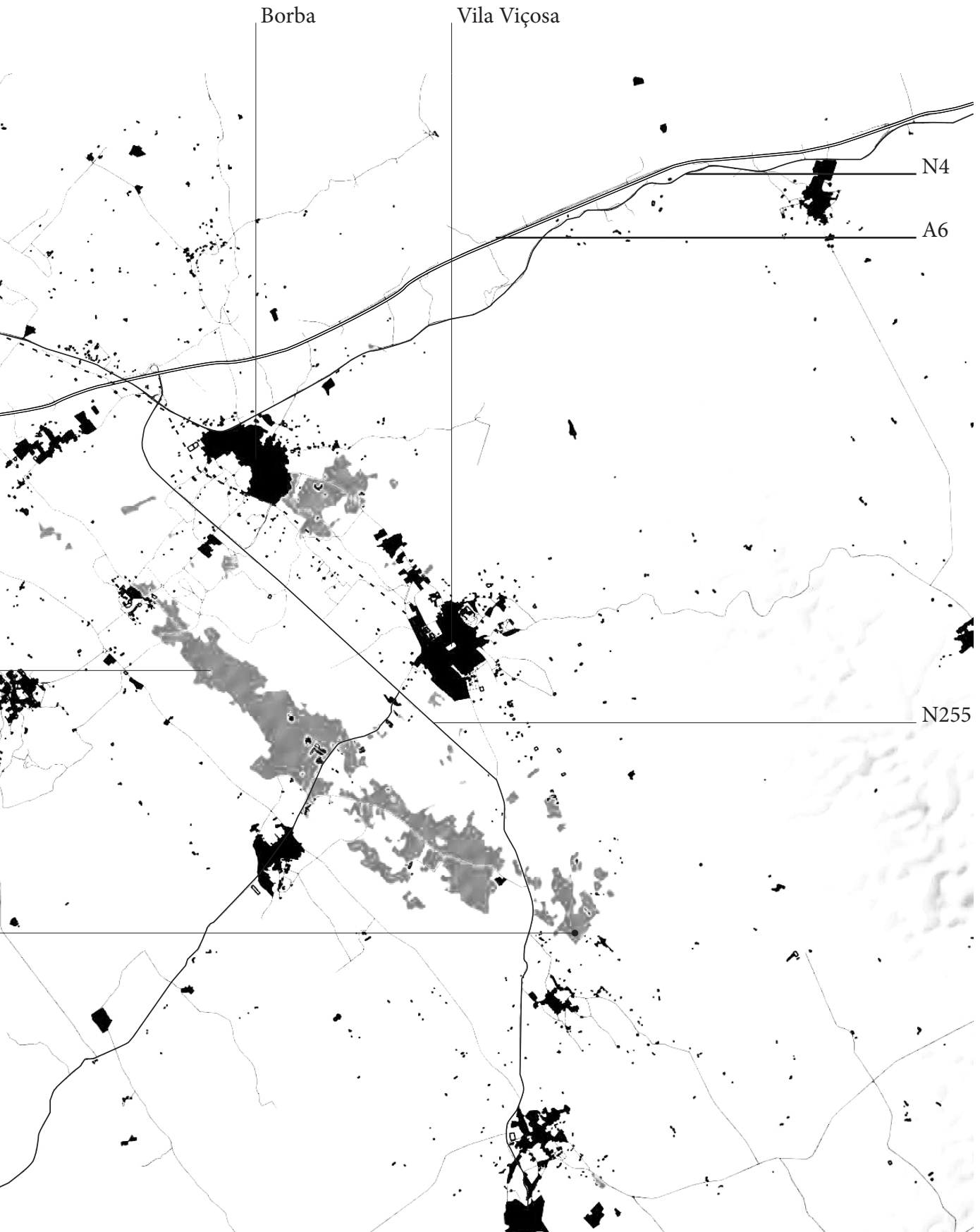
Vou embora, películas e pernas queimadas. Apanho uma boleia ao sair de Vila Viçosa com pedreiros. Arrumo as minhas coisas do hotel e volto ao porto.

Chegada a casa apercebo-me que me esqueci do pequeno bloco de mármore cor-de-rosa.

Mas eu já sei que vou voltar.









*a paisagem - acima do chão*



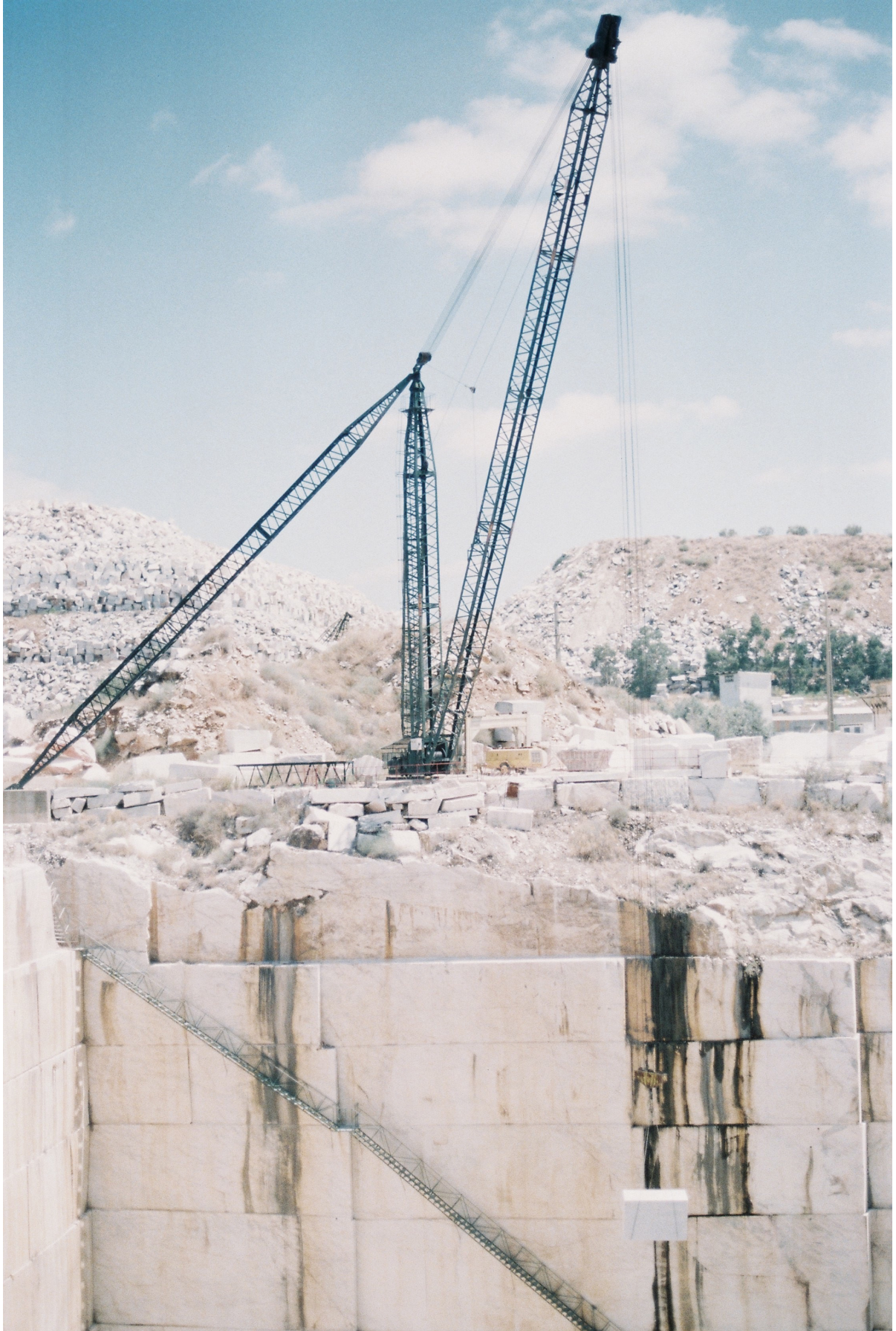


*as pedreiras - debaixo do chão*



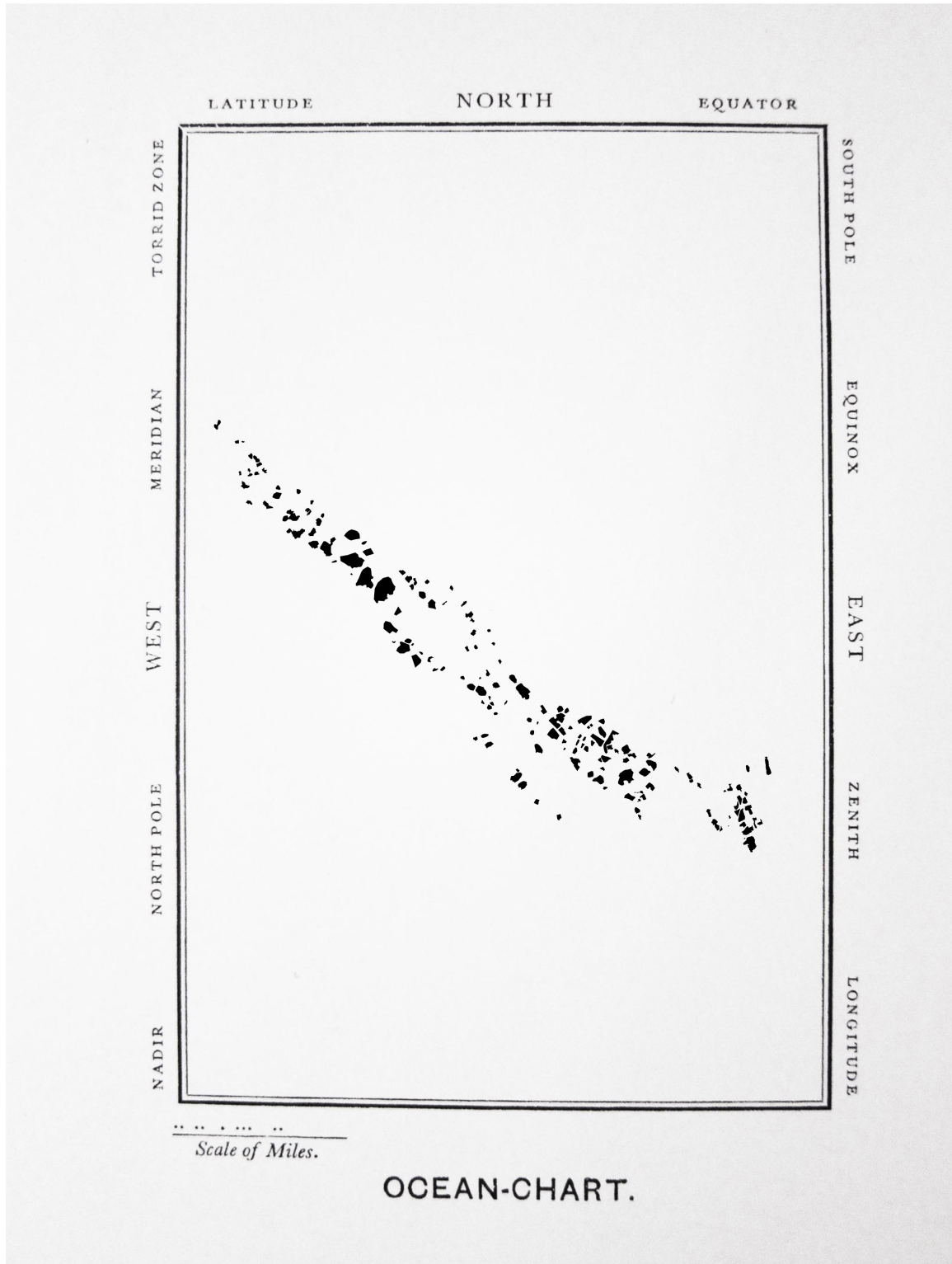


*a indústria - no chão*



*a descoberta*

# **O Arquipélago Negativo**



collage; *The hunting of the snark 1876*, Lewis Carroll; *mapa das pedreiras*, 2016, Vila Viçosa

Dois anos depois volto às pedreiras e são o assunto da minha tese. Descubro a extensão territorial da actividade extractiva, do passado e do presente. Vejo os testemunhos das actividades de uma outra época, as sobreposições do tempo.

Como em *Stalker* de Tarkovsky, eu caminho em território desconhecido, selvagem e inóspito onde o sublime e a poluição ficam juntos, um revela o outro e vice versa.

Seguindo o processo das caminhadas de “A Tour of the Monuments of the Prosaic” de Robert Smithson faço um inventário dos elementos constitutivos da paisagem, os seus monumentos.

As pedreiras, elementos fixos da paisagem são como ilhas num oceano de caminhos polvilhados de jangadas efémeros: os edifícios.

A zona de “intervenção” é limitada pelas minhas capacidades de transporte: a pé e de bicicleta. Corresponde as zonas industriais : UNOR 3 - UNOR 4 - UNOR 5

### **O oceano**

*-pontos*  
marcos  
gruas

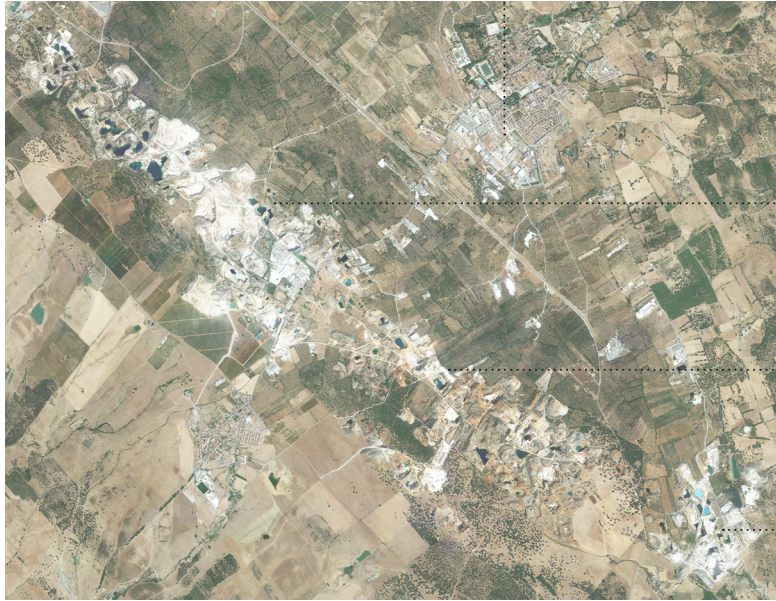
*-linhas*  
caminhos

*-edifícios*  
indústria  
rural  
igreja  
escombrelras

### **As ilhas**

*-as pedreiras*  
ativas  
abandonadas

Vila Viçosa



UNOR 3

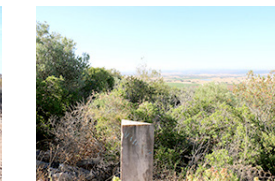
UNOR 4

UNOR 5

2 km



**o oceano**  
*pontos*  
marcos



sobreposto

---

escrito

---



marcado

---



gravado

---

**o oceano**

*pontos*

*gruas*





derrick

---

plataforma abandonada

---

grua abandonada

---

**o oceano**  
*linhas*  
caminhos



branco



amarelo



vermelho



pedras



terra



relva



asfalto

**o oceano**  
*edifícios*  
industrial





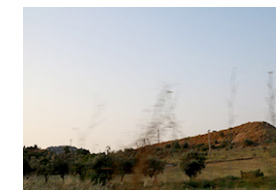
usado



abandonado

mobiliário

igreja





rural



escombreira



escombreira abandonada

**as ilhas**

*as pedreiras*

activa



abandonada







*Legenda*

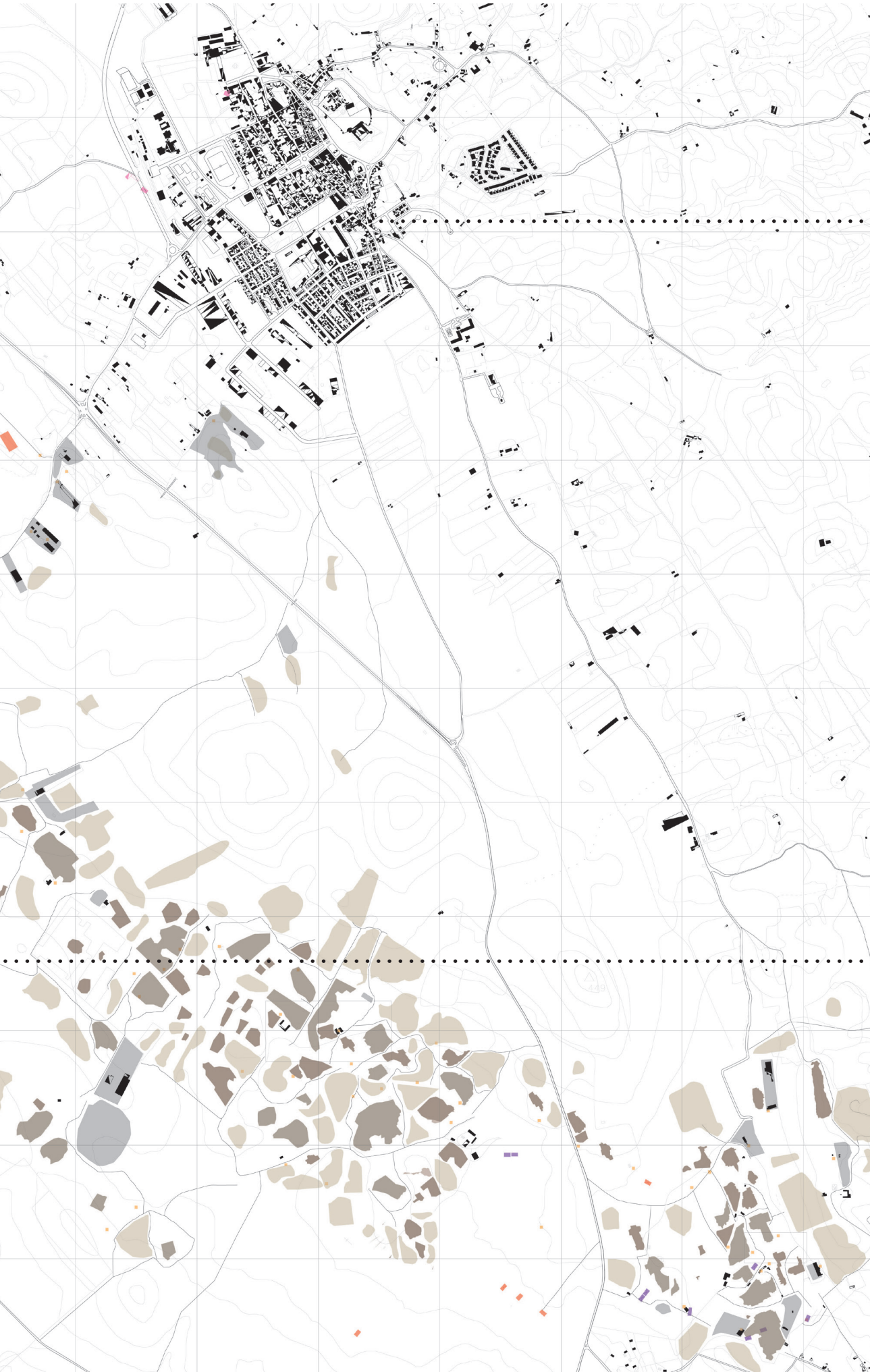
UIM - 21



*atlas*  
*pedreira ativa*  
*pedreira desativada*  
*escombeira*  
*unidade transformativa*



*edifícios*  
*rural*  
*electricidade*  
*grua*  
*ruina*



Vila Viçosa

Bencatel

## A terceira paisagem

Paysage et développement durable: les enjeux de la Convention européenne du paysage - Editions du Conseil de l'Europe - 2006

Em 2006 a Convenção Internacional Europeia da paisagem inclui na sua definição da paisagem tanto “as paisagens notáveis do que as paisagens do quotidiano ou degradadas”

O inventário dos monumentos revela a dicotomia dos elementos, alguns são usados, outros não. Este estado de “ruína” traz oportunidades projetuais e refúgios para a biodiversidade.

### *Escombreyras*

As pedreiras estão escondidas, enterradas na paisagem. A presença industrial nota-se com os seus resíduos. *80 a 90 por cento da matéria extraída é inutilizada* e forma montanhas artificiais ao lado das pedreiras.

As razões deste gasto são: o alto grão de fracturação da jazida que impede o dimensionamento dos blocos para o mercado; os aspectos estéticos (presença de fios ou de pontos), o desaparecimento dos sectores paralelos (agricultura, cal, calçado, vidro, construção)

### *Pedreiras abandonadas*

Antigamente, os pedreiros tinham que pagar 300 escudos por metro de pedra escavada para transformar a pedra uma vez fechada. Esta prática já não existe. Podemos ver a multiplicação caótica dos buracos abandonados. Algumas estão parcialmente tapadas, outras são aterros industriais, e outras estão inundadas. Muitas vezes ao seu lado podemos encontrar pequenos edifícios industriais abandonados.

Gilles Clément chama estes territórios “a terceira paisagem” *Le Tiers paysage renvoie à tiers-état. Espace n’exprimant ni le pouvoir ni la soumission au pouvoir.*

*Il se réfère au pamphlet de Siesyes en 1789:*

*“Qu’est-ce que le tiers-état ? - Tout.*

*Qu’a t-il fait jusqu’à présent ? - Rien.*

*Qu’aspire t-il à devenir ? - Quelque chose.”*

Ele encontra nestes “abandonados” uma oportunidade para a diversidade vegetal. Uma oportunidade para a liberdade, para a indecisão e para a criação.

Estes espaços podem ser considerados como refúgios, abrigos, reservas (reserva como lugar não explorado; na pin-

Ribeiro, T (2011) Valorização de escombreyras da indústria extractiva de mármore no Alentejo. Lisboa, FCTUN

tura, a reserva é a parte do quadro não pintado). Como lugares que acolhem aqueles que não podem desenvolver-se noutros sítios, por causa da submissão ao controlo do homem. As cidades, as explorações agrícolas e florestais, os sítios para a indústria, o turismo, seleccionam a diversidade, existindo menos e menos espécies vegetais e animais nos espaços “anthropisé”.

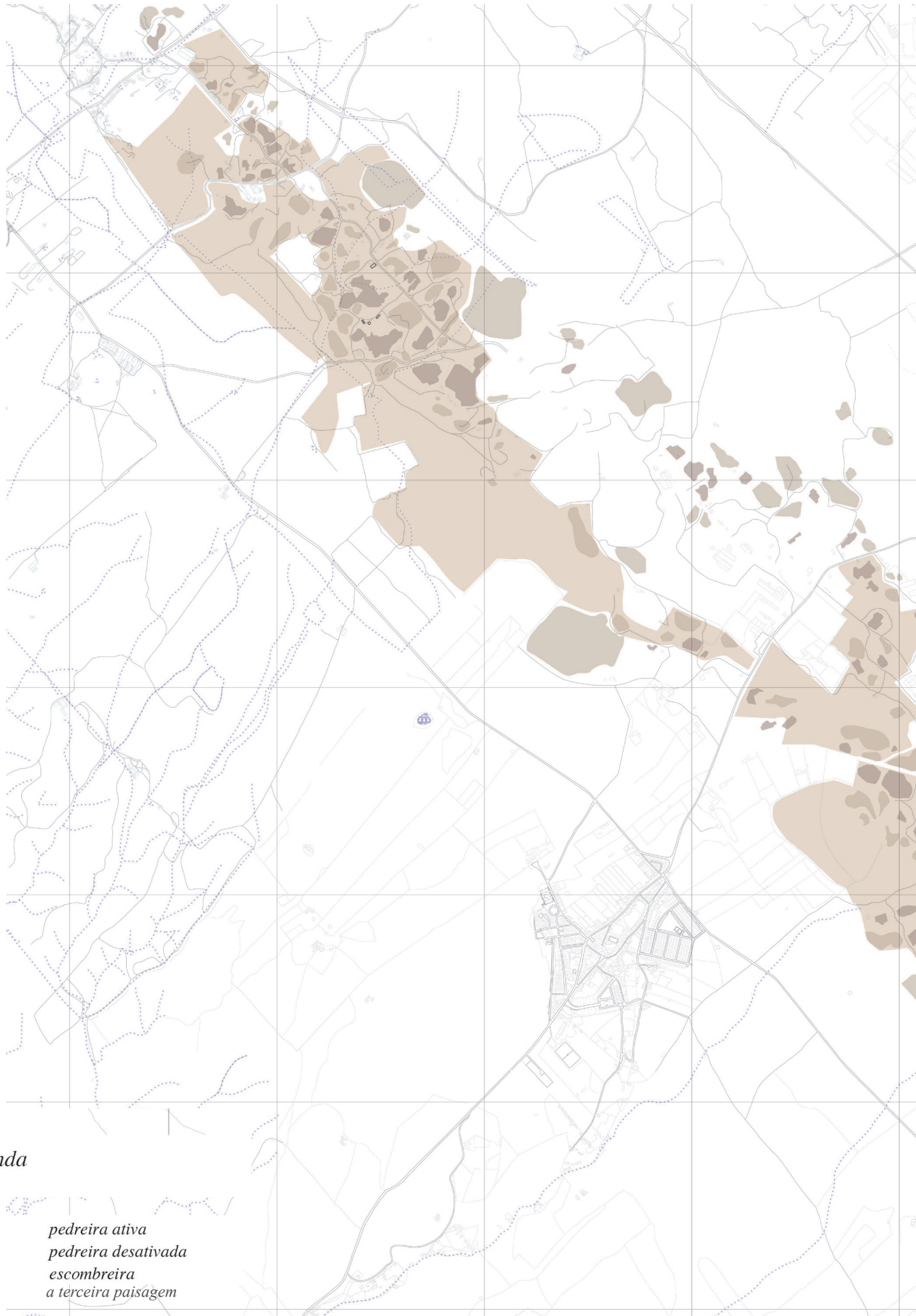
O estudo - O impacto das pedreiras inativas na fauna, flora e vegetação da zona dos mármore: problema ou benefício? *”centrou a atenção nas aves (avifauna), na flora e na vegetação, seleccionadas como indicadores de resiliência em pedreiras inativas. Revela que as pedreiras inativas e a natureza envolvente formam uma paisagem em mosaico que beneficia e promove a diversidade da avifauna assim como o desenvolvimento de novos biótopos (distintas áreas dentro de um mesmo habitat), contribuindo ainda para uma maior variedade de comunidades vegetais, que podem ir desde a vegetação característica de habitats rochosos até às comunidades dependentes de habitats aquáticos ou higrófilos providenciados por várias dessas pedreiras. De acordo com o autor do estudo, a elevada diversidade paisagística poderá ser potenciada pelo desenvolvimento de projetos que apliquem medidas de reabilitação, gestão e monitorização adequadas.”*

GERMANO D. (2013) *O*  
*impacte das pedreiras inativas*  
*na fauna, flora e vegetação da*  
*zona dos mármore: problema ou*  
*benefício?*

Podemos ver neste território caótico, híbrido, uma oportunidade para a diversidade. A indústria extractiva em vez de ser considerada como negativa pode, se bem orientada e com uma boa infraestrutura, construir habitats favoráveis ao desenvolvimento da vida.

Assim podemos assistir a uma *simbiosis* entre a paisagem e os pedreiros.

A construção da paisagem cultural.





# Itinerários



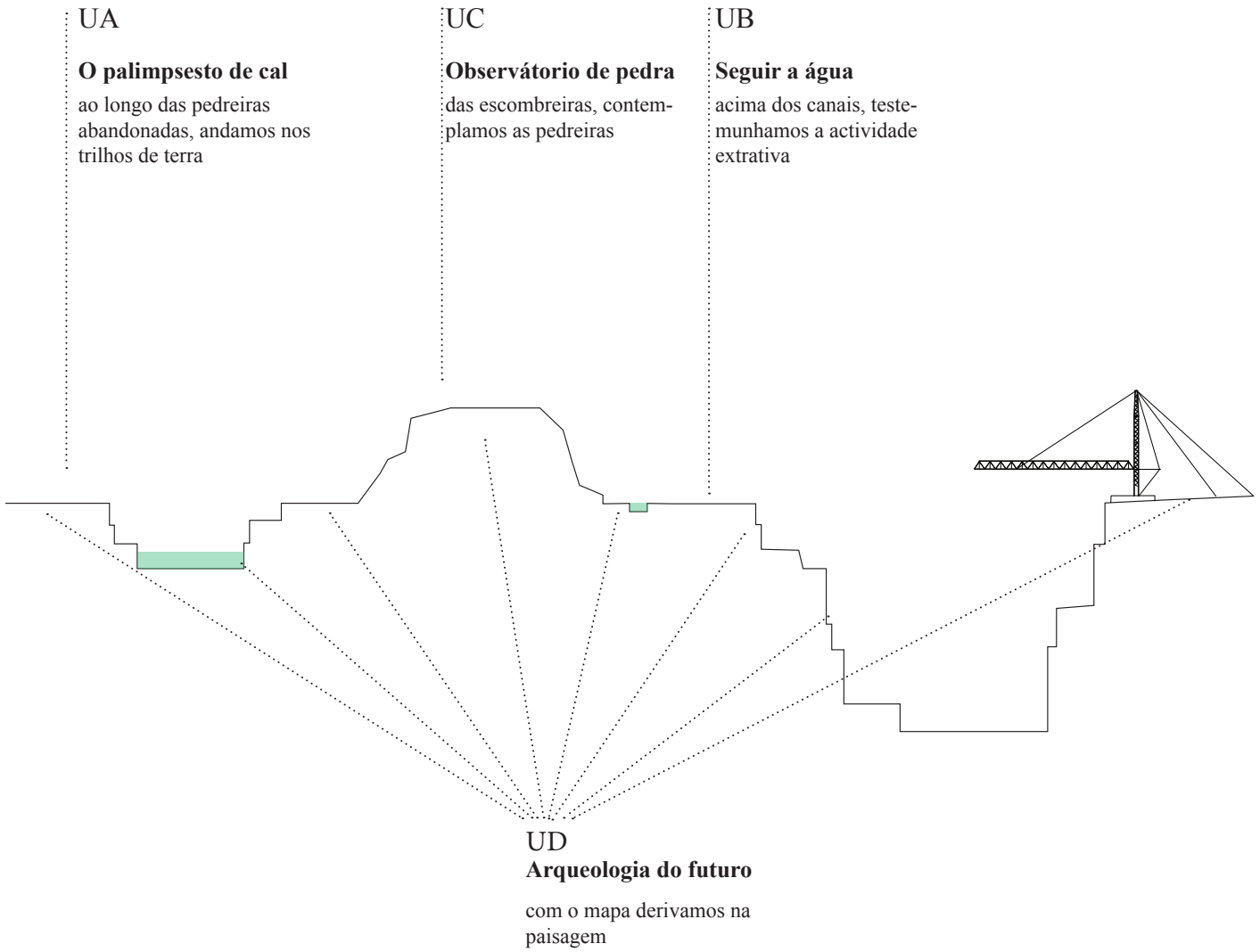
Montanha de pó de mármore, UNOR 4, Vila Viçosa, 2016



O itinerário apresenta quatro unidades operativas complementares nomeadamente : UA ; UB; UC e UD.  
Todos os elementos da proposta são endógenos e cada unidade lança a seguinte.

A proposta arranja, transforma, reutiliza os elementos e os dispositivos disponíveis para revelar ou reparar o sistema.  
Para tornar o espaço entrópico num lugar.

Cada itinerário apresenta uma intervenção de escultura : a sinalética chamada Ux-P; uma intervenção paisagística: os caminhos chamada Ux-L e uma intervenção de arquitetura: os edifícios chamada Ux-E.



ESPAÇO

entropia

TEMPO

passado

presente

**UA**

**O palimpsesto de cal**



**UB**

**Seguir a água**



movimento

nomadismo

infraestrutura

intervenção

efêmera

evolutiva

ritmo

vegetal

humano

referencia

horizonte

topografia

dispositivo

sobrepor

montar

matéria

cal - estuque - terra

mármore  
aço

proveniência

solo  
escombreira

escombreira  
grua abandonada

textura

porosa

variável

sinaletica

UA-P

*caiação vegetal*

UB-P

*um dia - uma fonte*

ponto



caminho

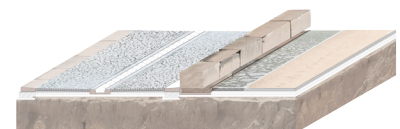
UA-L

*estuque no chão*

UB-L

*a água é so uma*

linha



edifício

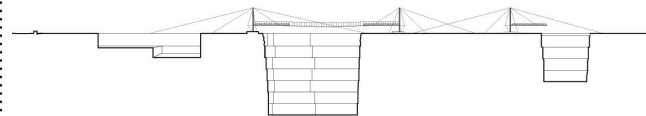
UA-E

*património branco -  
património vivo*

UB-E

*um novo ecossistema*

edifício



lugar →

futuro →

continuidade →

**UC**

**Observatório de pedra**



**UD**

**Arqueologia do futuro**



contemplação

integração

fixa

abstrata

mineral

cíclico

cardinal

mapa

escavar

localizar

mármore,  
cobre

mármore  
cobre  
madeira

escombreira  
mina de cobre Miguel Vacas

caminhos escavados  
mina de cobre Miguel Vacas

lisa

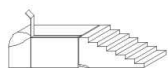
polida

UC-P

*promontorio de bloco*

UD-P

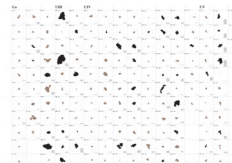
*o olho do fóssil*



UC-L

*grutas contínuas*

UD-x *atlas de esculturas sem escultores*

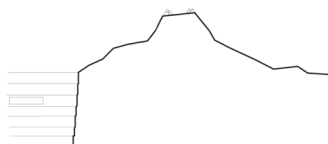


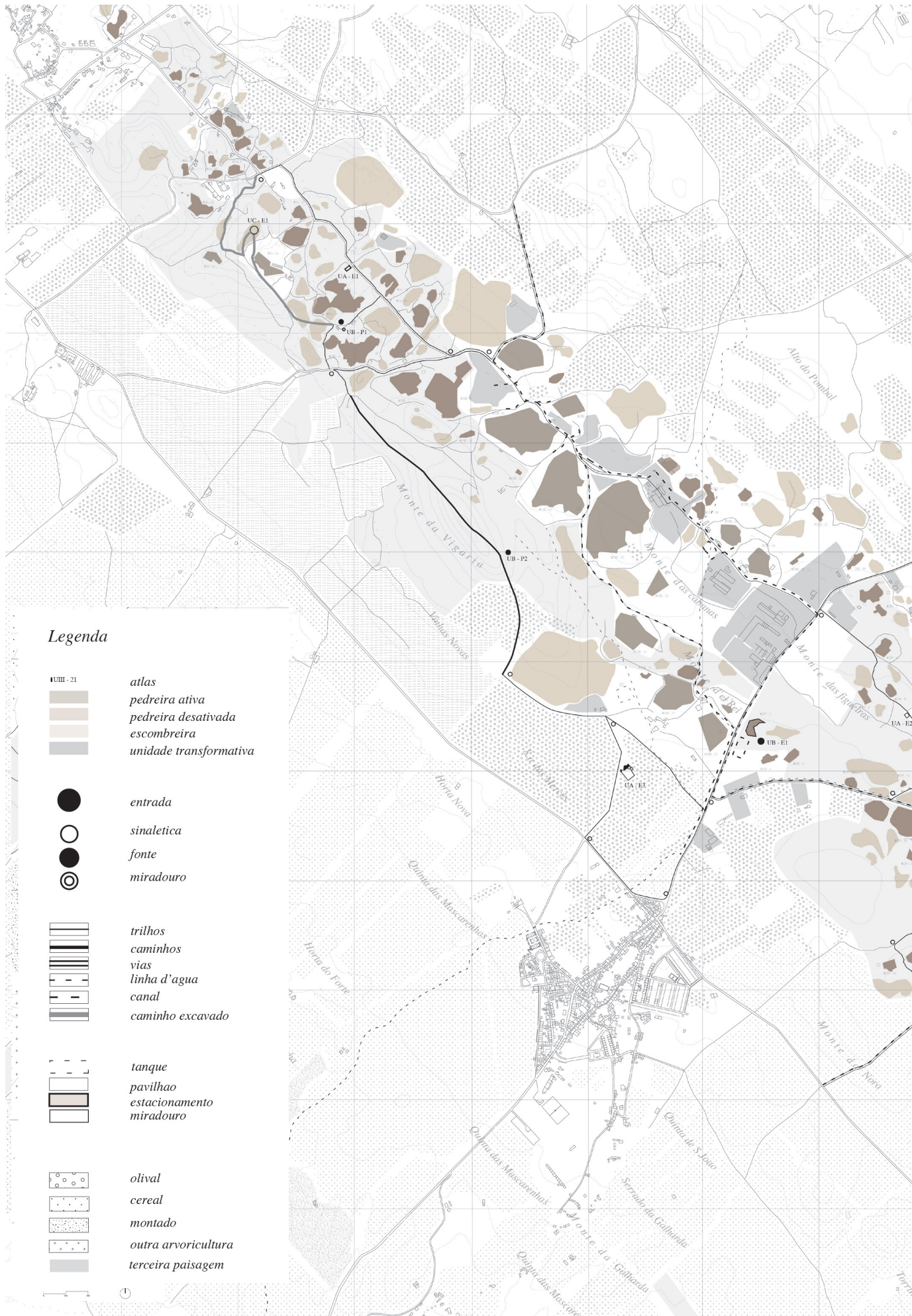
UC-E

*vestígios e solstícios*

UD-x

*o mapa do espaço no tempo*

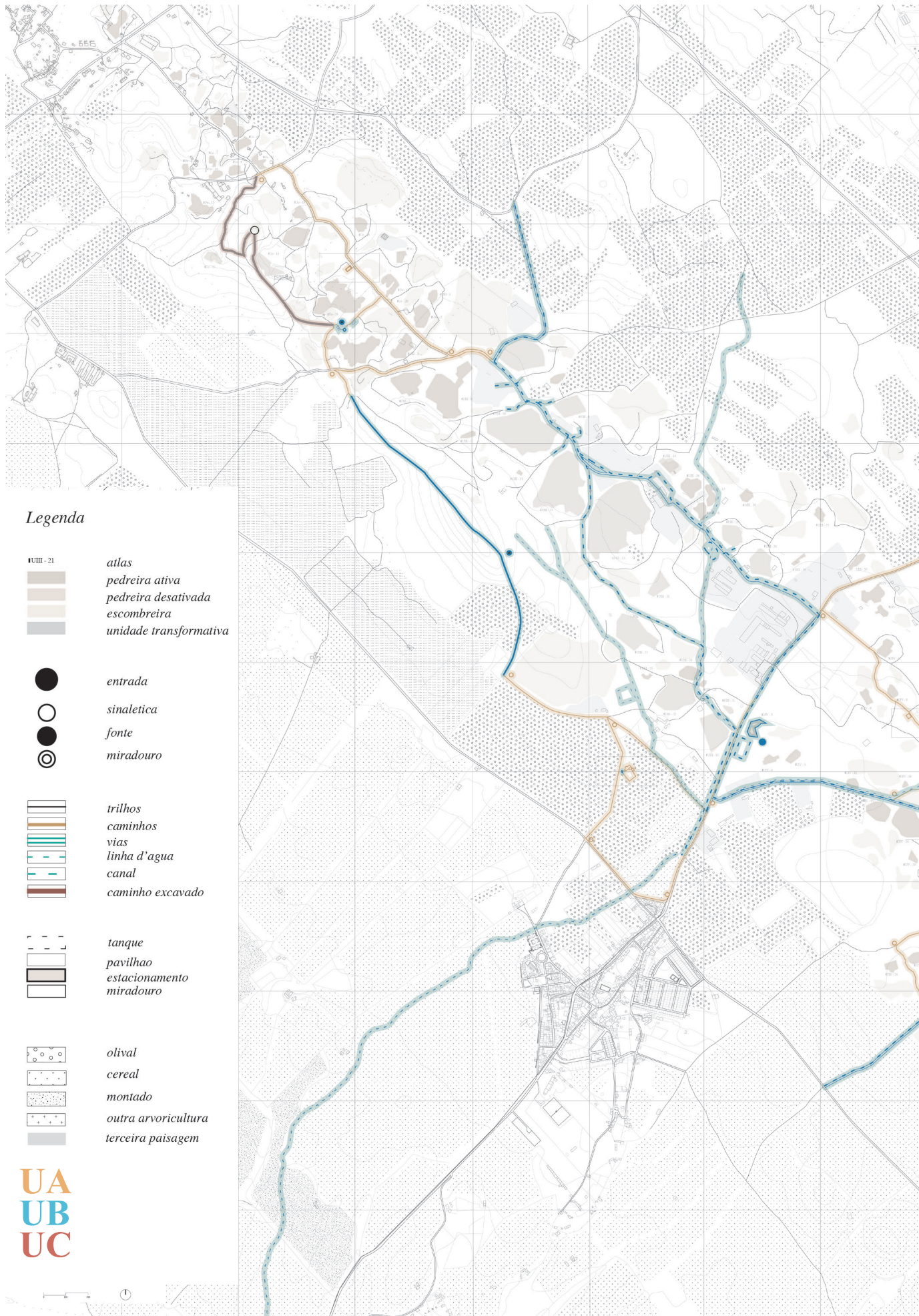


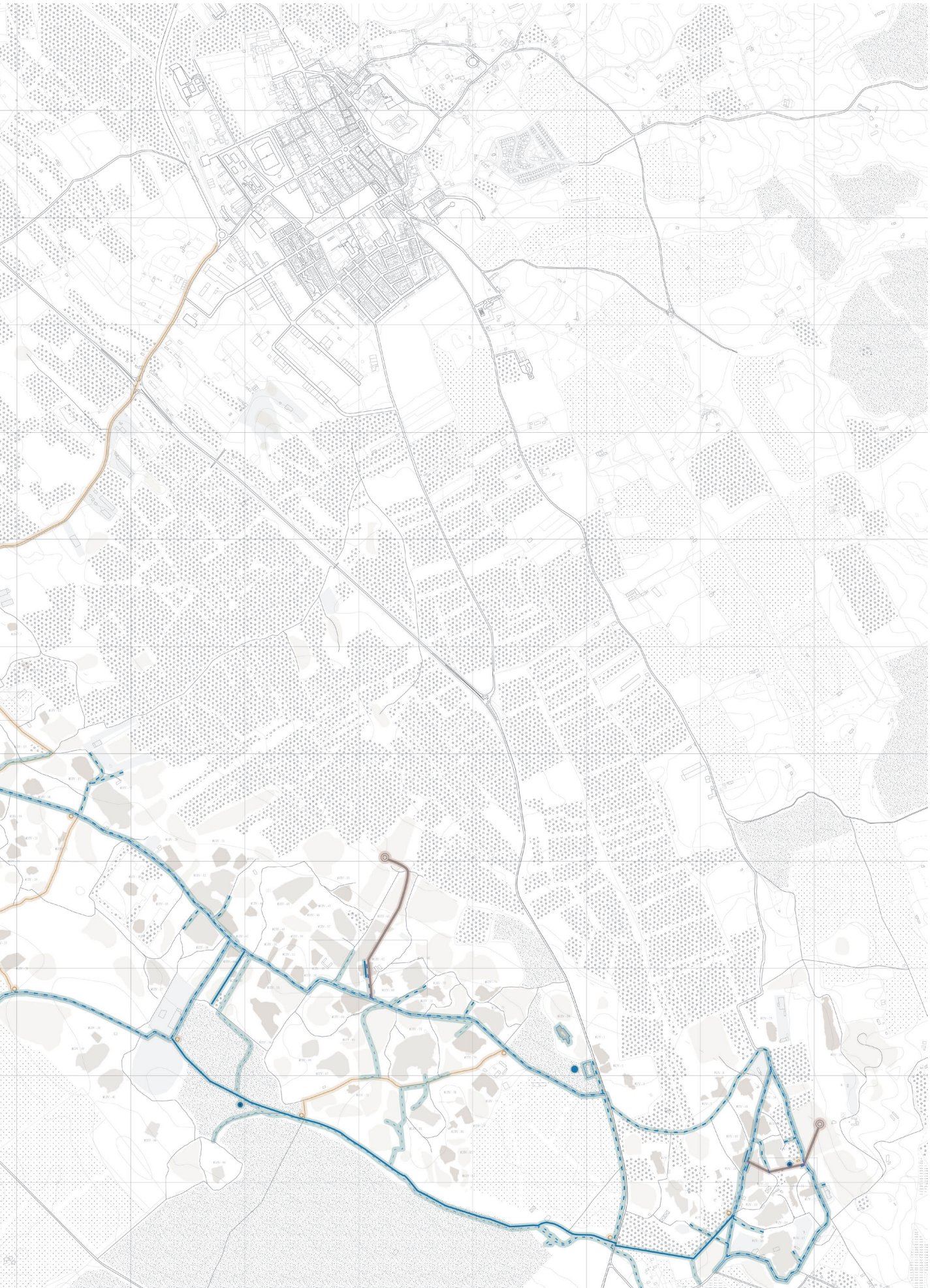


**Legenda**

- atlas
- pedreira ativa
- pedreira desativada
- escombeira
- unidade transformativa
- entrada
- sinaletica
- fonte
- miradouro
- trilhos
- caminhos
- vias
- linha d'agua
- canal
- caminho excavado
- tanque
- pavilhao
- estacionamento
- miradouro
- olival
- cereal
- montado
- outra arboricultura
- terceira paisagem







# UA Palimpsesto de cal



O mármore é uma rocha calcária, uma sobreposição de sedimentos. *Caminho industrial, UNOR 4, Vila Viçosa 2016*



O passado existe porque deixa marcas que permanecem no presente. Quando reescrevemos em cima do passado criamos um palimpsesto.

O palimpsesto de cal segue os trilhos de terra existentes. O palimpsesto de cal atravessa as “zonas” abandonadas do sítio. Destes trilhos, vemos as pedreiras inundadas, em mutação; a vegetação, a terra e as pedras esconderam o gesto da escavação.

### **UA-P - Caição vegetal**

Marca as árvores perto. Redesenha a linha do horizonte; agora escondida pelas escombrelas. Quando o itinerário muda, as marcas desaparecem pouco a pouco.

### **UA-L - Estuque no chão**

A argamassa seca ao ar livre gravando as atividades dos animais e da vegetação ao lado. Testemunho do movimento presente.

### **UA- E - Património branco, património vivo**

Reutilizando os fornos de cal abandonados, pintamos os monumentos.

UA-E1 atelier de escultura - forno de cal

UA-E2 a plataforma da observação da construção


UA-E3 a igreja

UA-E4 o pavilhão dos pedreiros



Legenda

-  *pedreira activa*
-  *pedreira abandonada*
-  *escombreira*
-  *sinalética*
-  *trilhos*
-  *edifícios*

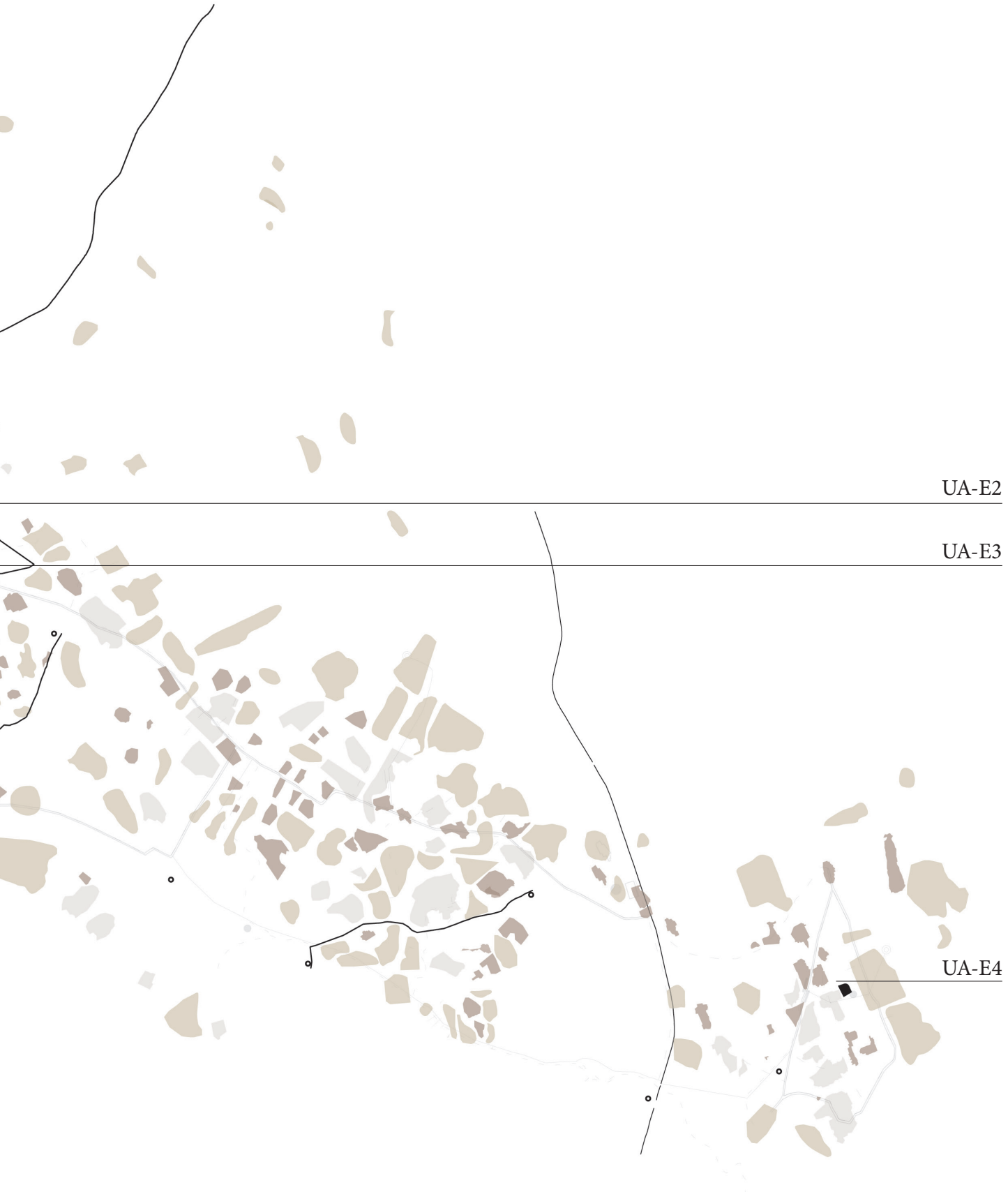
0 200 

UA-E1

UA-E2

UA-E3

UA-E4



# UA - P

*Caição vegetal*





*o crescimento de uma oliveira com cal*

# UA - L

*Estuque no chão*





trilho existente

estuque

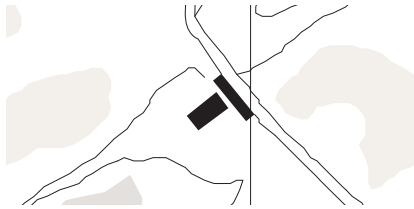


# UA - E

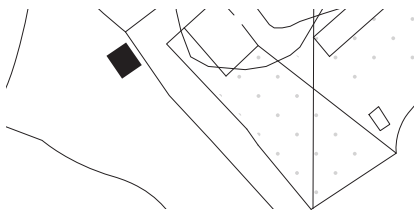
*Património branco - património vivo*



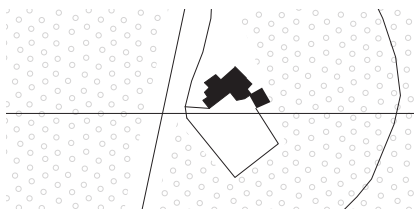
UA-E1 . Atelier de escultura e forno de cal



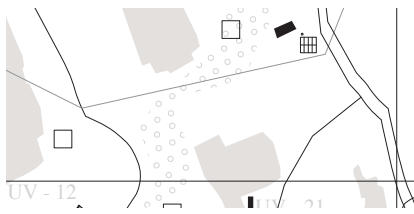
UA-E2 . Plataforma



UA-E3 . Igreja



UA-E4 . Pavilhão dos pedreiros



# UB Seguir a água



O mármore é uma rocha calcária, forma-se em meios aquáticos. *UB-PI - colagem a partir de fotografias analógicas da UNOR 3, Vila Viçosa,*



## **UB- P- Um dia, uma fonte**

Nas cidades romanas, não havia nome para as ruas. As pessoas orientavam-se com os nomes das fontes.

Cada fonte tem duas marcas verticais: uma grua e um cipreste que com o tempo vai esconder a grua.

As fontes são blocos brutos de formas diversas extraídos com técnica antiga, com o tanque rectangular, da proporção dos blocos usados pelas instalações ao lado.

As instalações de blocos em volumes simples revela a topografia de cada lugar. Com 256 metros cúbicos de pedra que corresponde ao volume de pedra escavada num dia no sítio em 2013.

UB-P1 : um cubo de 4 metros de altura , localizado num piso de uma pedreira abandonada.

UB-P2 : um pavimento de 8 centímetros de altura de 1,5 quilómetros de comprimento cria um caminho na serra da Vigaria donde podemos ver o anticlinal e a planície.

UB-P3 : um chão de 1 m de altura que revela as ondulações de um campo de sobreiros.

UB-P4 : uma torre de 16 metros de altura que revela o tamanho da escombreira ao seu lado.

## **UB-L- A água é so uma**

O anticlinal de Estremoz esta localizado num aquífero.

-Numa certa profundidade, os pedreiros encontram sempre água. Eles bombeiam a água fora, no solo e desta maneira acrescentam o risco de erosão, e de seca; nesta zona onde só há água numa rede complexa subterrânea.

-Para cortar a pedra nas unidades transformativas usa-se a água da cidade.

-Os caminhos industriais não têm drenagem, e estão em situação de inundação em caso de dilúvio.

A intervenção redefine uma rede hidráulica que une as unidades transformadoras e as pedreiras ativas e também drena os caminhos.

Os canais são protegidos com blocos, criando desta maneira um caminho para os peões, levemente elevado que permite observar as pedreiras. Quando o caminho deixa de ser usado pela indústria, ele desaparece no chão e a calçada de blocos fica.

## **UB- E - Ciclo de infraestruturas**

As gruas abandonadas constroem estruturas de apoio, à indústria e aos visitantes.

UB-E1: Parque de estacionamento e tanque de decantação

O parque de estacionamento fica numa antiga pedreira.

A água bombeada pela indústria encontra-se poluída depois da sua extração, antes de voltar à linha de água é preciso decantar num tanque.

UB-E2: Canal de metal

O antigo caminho de ferro de uma grua serve agora de estrutura para o canal.

UB-E3: A ponte

Dois gruas giratórias antigas ligam um tanque existente ao canal através de uma pedreira abandonada. Permitindo desta forma experimentar a profundidade das escavações.

UB-E4 : Parque de estacionamento e tanque de decantação.

Igual ao UB-E1

UB-E5 : A passagem

Reforça o talude fragil e amplia um caminho entre duas pedreiras com uma estrutura de metal em que podemos andar.

Legenda

-  *pedreira ativa*
  -  *unidade transformativa*
  -  *entrada*
  -  *fonte*
  -  *caminhos*
  -  *vias*
  -  *linha d'agua*
  -  *canal*
  -  *edifício*
- 0 200 



UB-P1

UB-P2

UB-E1

UB-E2

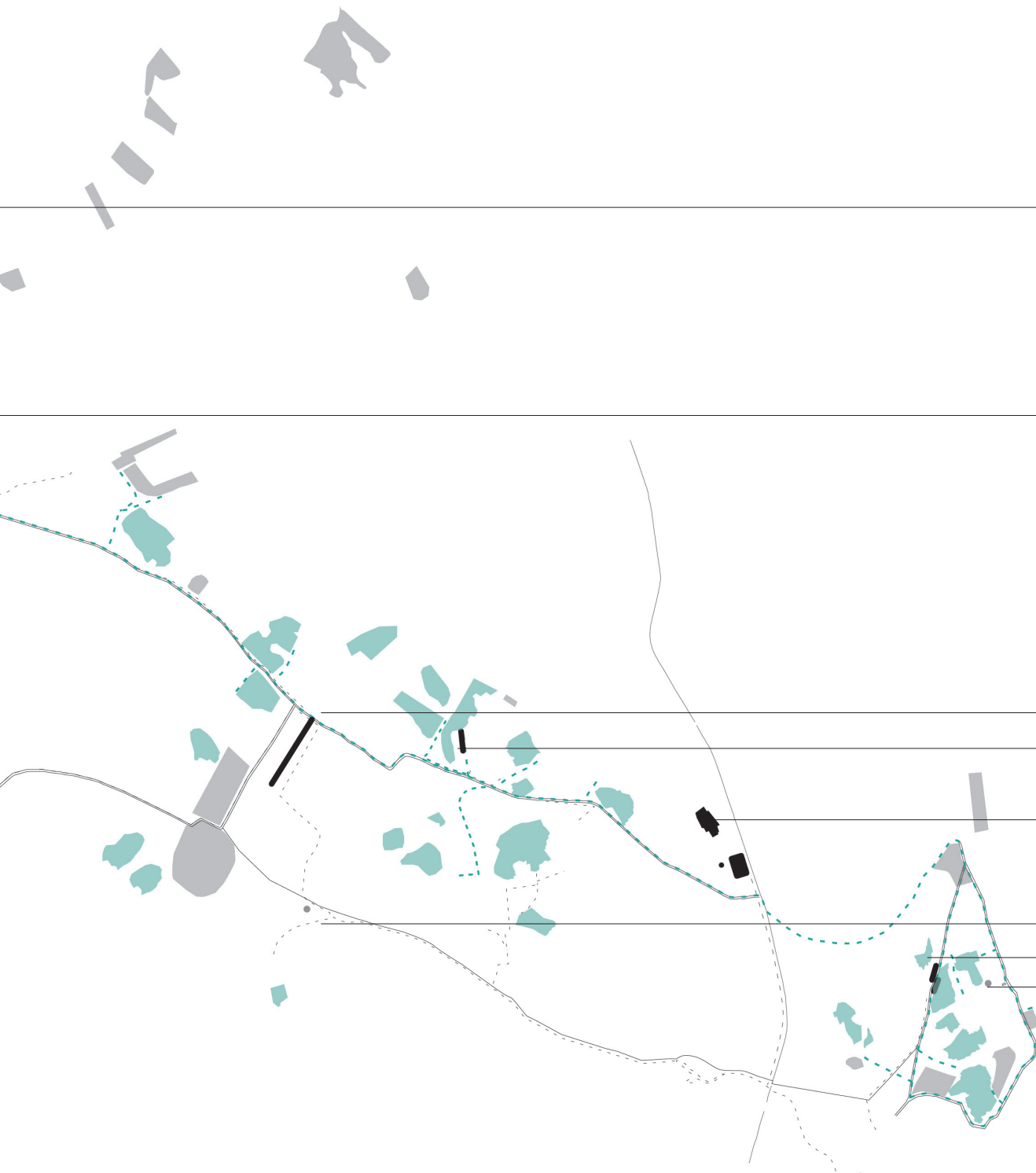
UB-E3

UB-E4

UB-P3

UB-E5

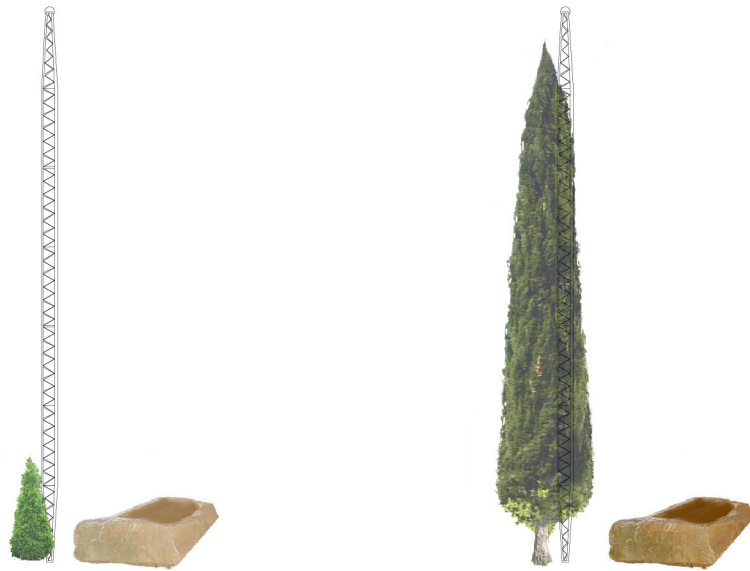
UB-P4



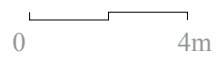
# UB - P

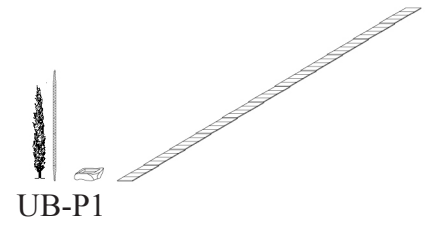
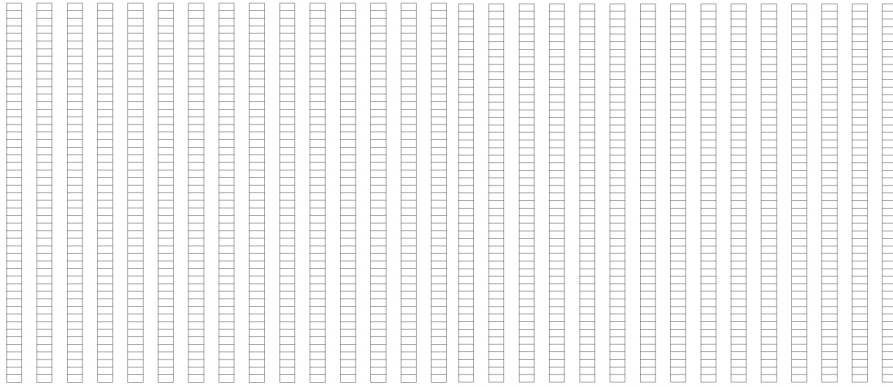
Um dia : uma fonte



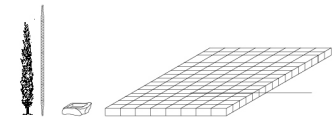
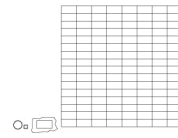


O crescimento do cipreste esconde a grua

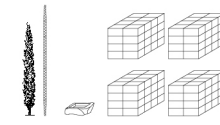




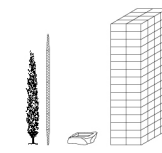
UB-P1



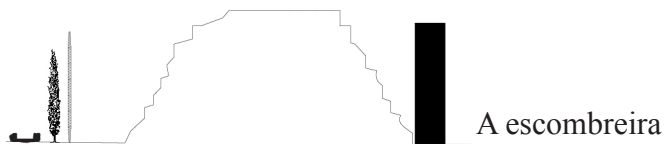
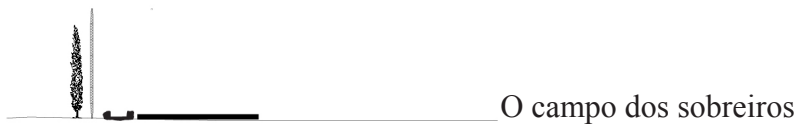
UB-P2



UB-P3



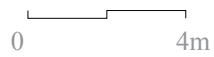
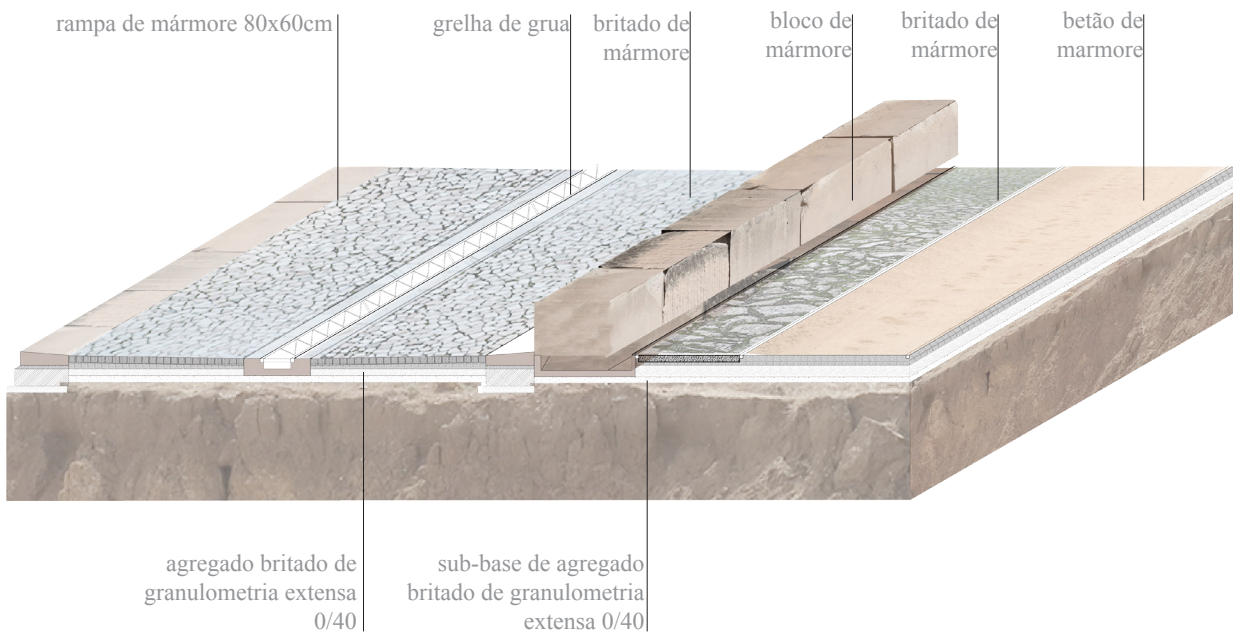
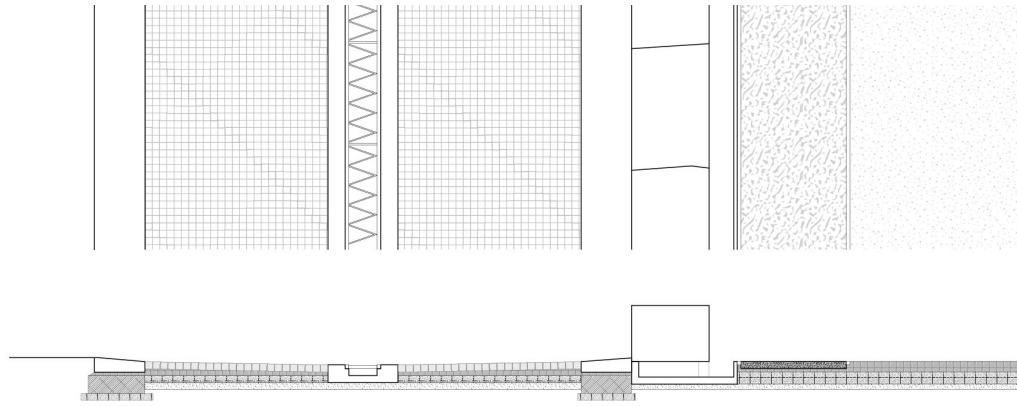
UB-P4



# UB - L

A água é so uma

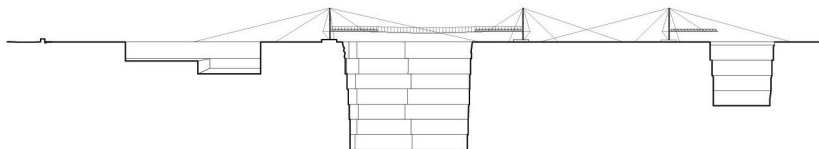




# UB - E

Ciclo de infraestruturas





UB-E3





UB-E3 colagem realizada a partir de uma fotografia da pedreira UIV 62 e da ponte de Suransuns da autoria de Conzet, Thisis, 1999

# UC Observatório de pedra



O mármore é uma rocha metamórfica, forma-se devido a altas temperaturas e pressões subterrâneas. UC-P colagem realizada a partir de um



*a fotografia analogica da UNOR 5, Vila Viçosa, 2014*

Da escala microscópica à escala macroscópica contemplamos a pedra, a pedreira, a paisagem.

### **UC-P - Promontório de bloco**

Como num jardim botânico, cada pedreira tem a sua etiqueta, feita de dois blocos. Um promontório e a sua escada. Uma placa de cobre mostra a negativo o nome, a forma e a profundidade da pedreira. Com o tempo, o desenho na etiqueta pode mudar com a própria forma da pedreira. Os promontórios são orientados pelo norte. Assim relocaliza a pedreira no território.

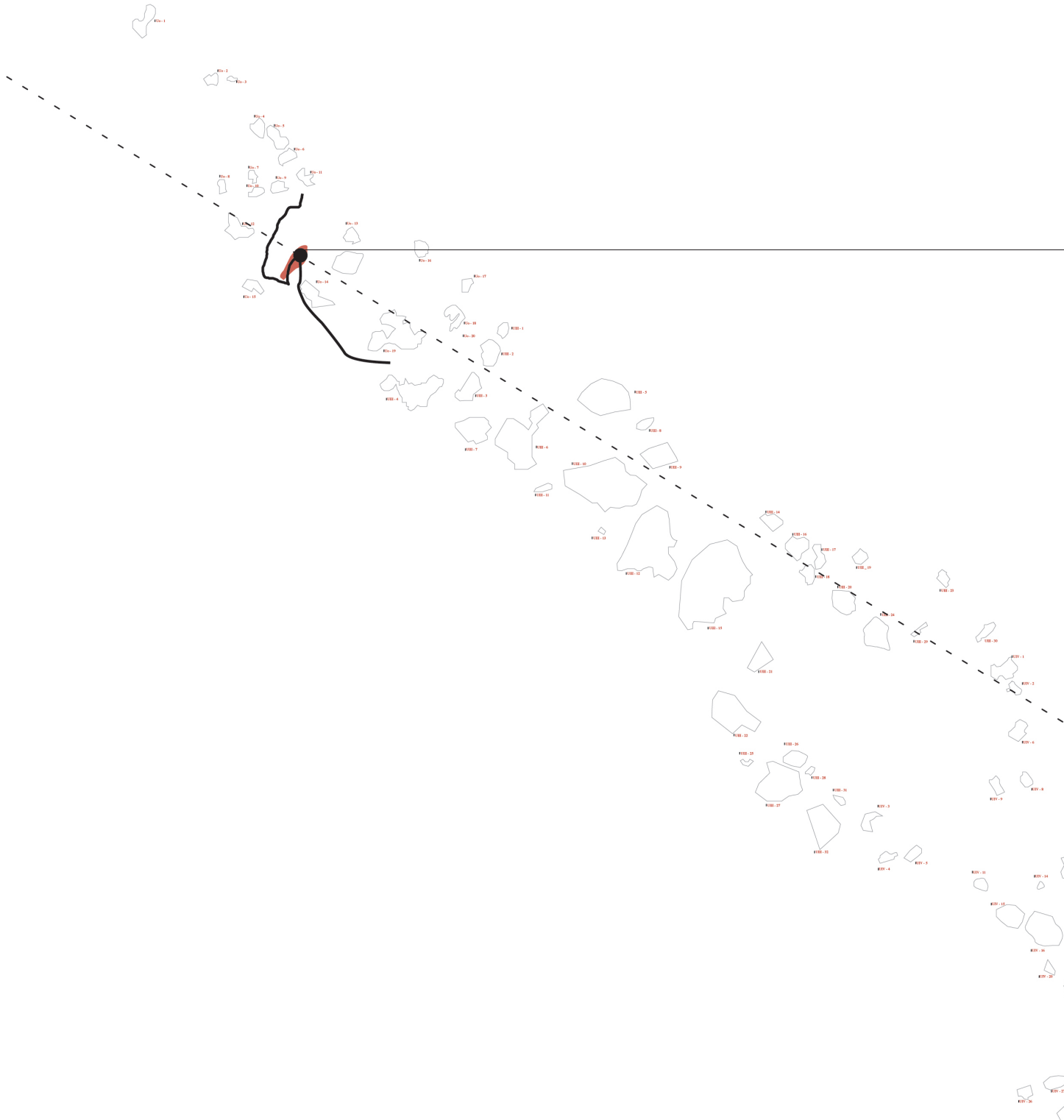
### **UC-L - Grutas contínuas**

Os caminhos de acesso aos miradouros são escavados nas pedreiras, o paradigma primitivo da gruta encontra as tecnologias e criam grandes arcas frescas.





### **UC- E - Vestígios e Solstícios**

No extremo noroeste do sítio, fica o ponto mais alto do sítio. Esta montanha é artificial mas quase já não se nota. Alinhada com esta escombreira no eixo do solstício de verão ficam mais duas escombreiras, uma na Lagoa e uma outra em Pardais. Destes três pontos altos podemos contemplar a paisagem talhada e os solstícios de Verão e de Inverno numa estrutura de pedra.



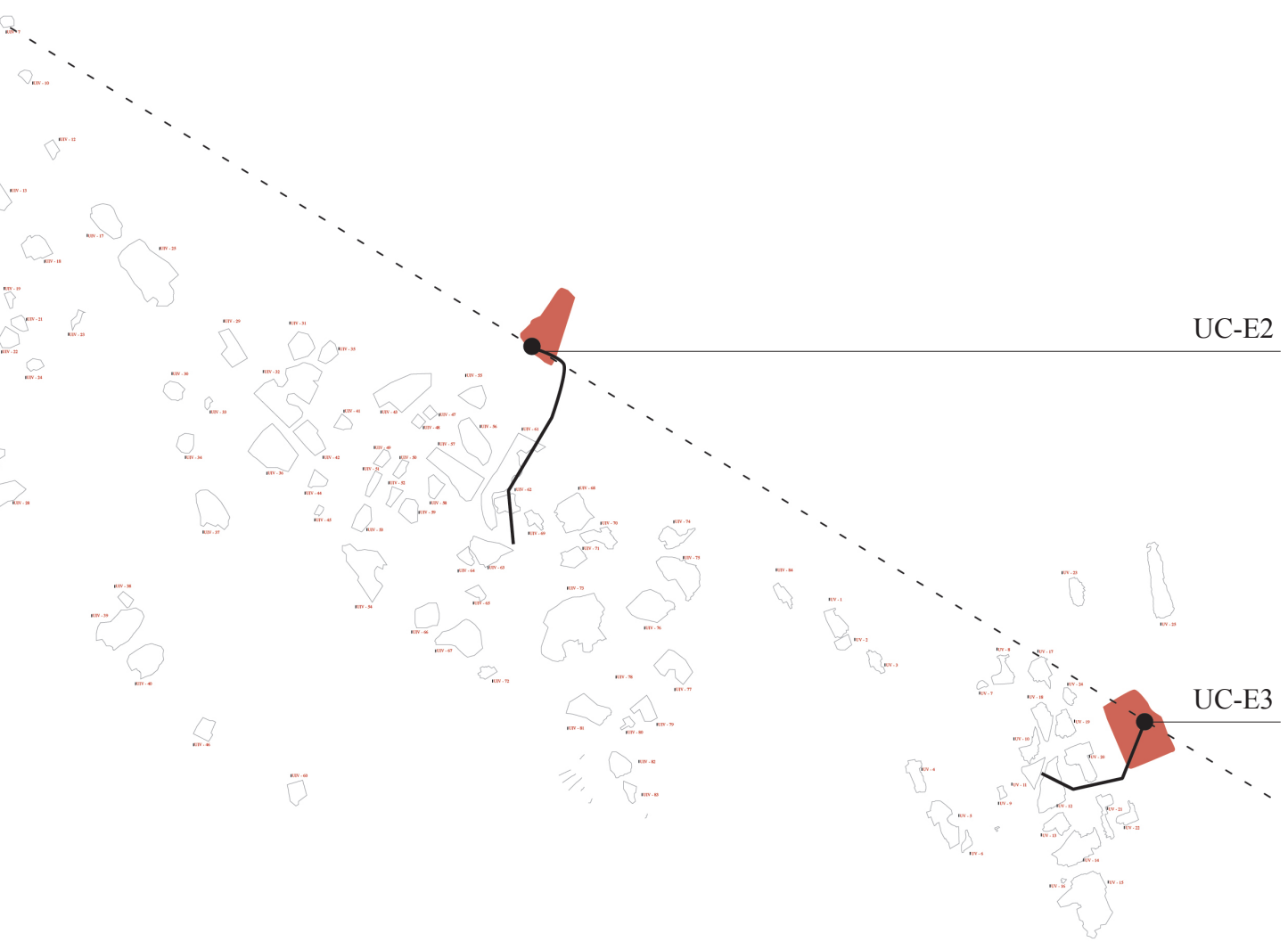


### Legenda

-  UMI - 21 observatorio
-  pedra
-  escombreira
-  miradouro
-  caminho excavado
-  eixo solsticios



UC-E1

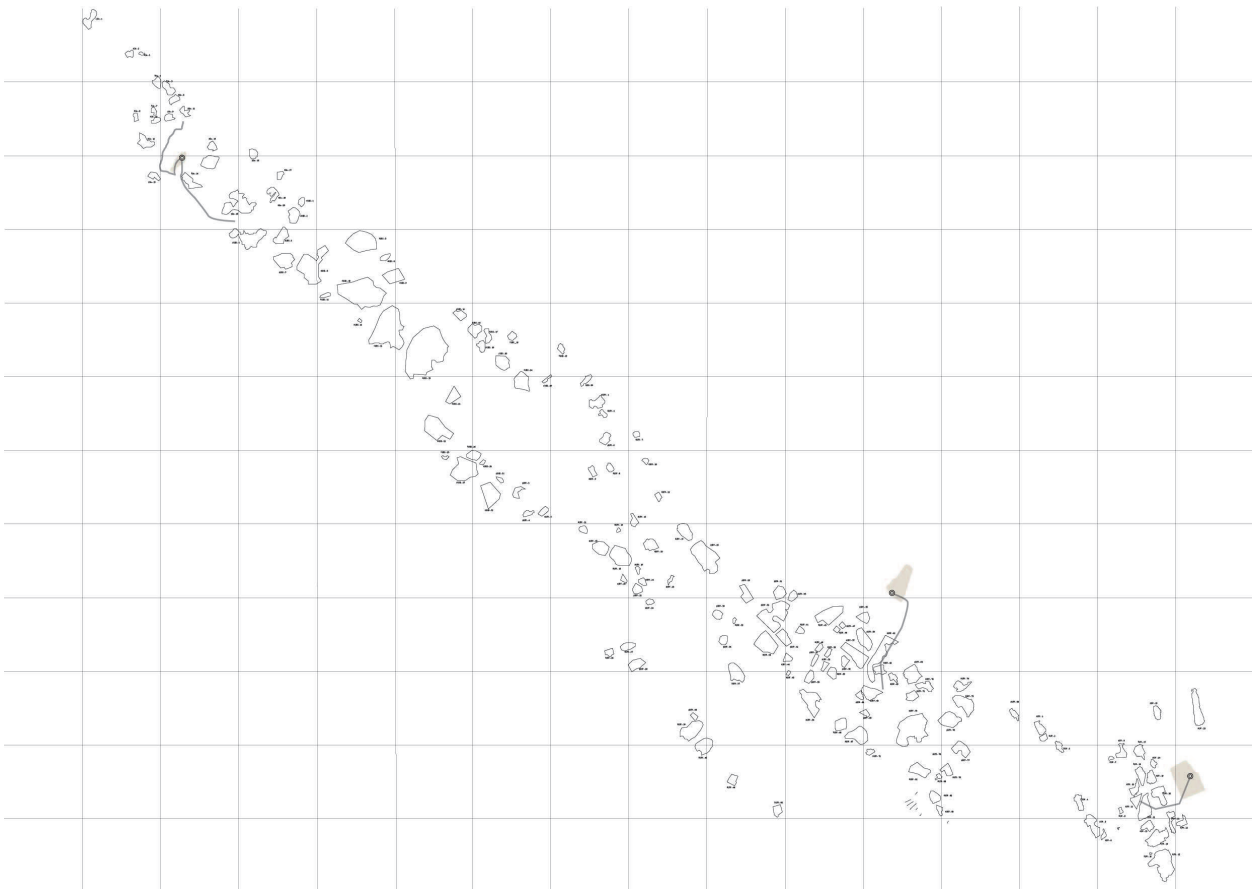


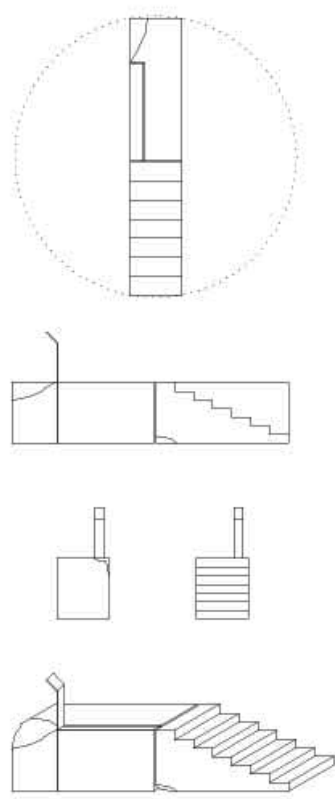
UC-E2

UC-E3

# UC - P

## Promontório de bloco





UC-P



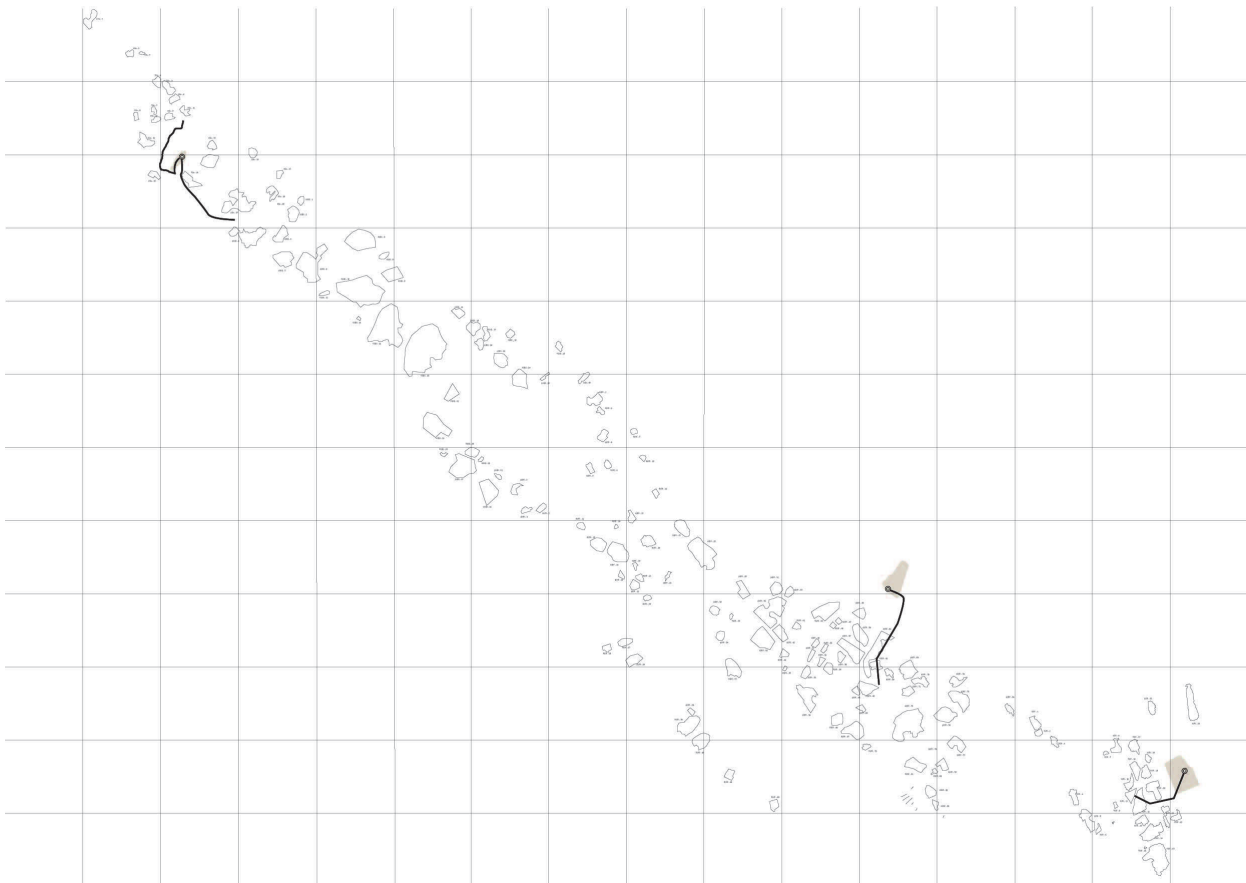


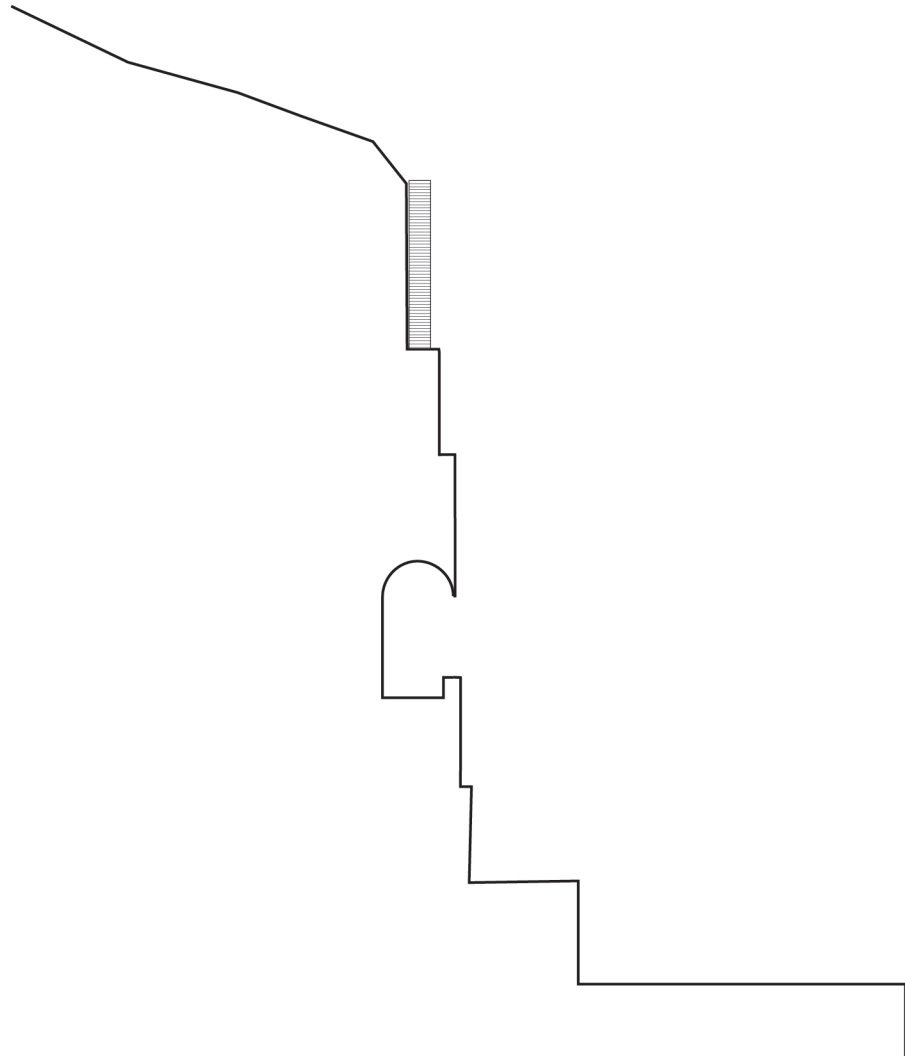


**UC-P** Com o tempo as etiquetas vão mudar de cor. Enquanto a pedreira muda de forma, o seu desenho esta retalhado na etiqueta.  
a colagem foi realizada a partir de um bloco da pedreira UIV 19 e de [wholesalecopperproducts.com](http://wholesalecopperproducts.com)

# UC - L

Grutas contínuas





UC-L1





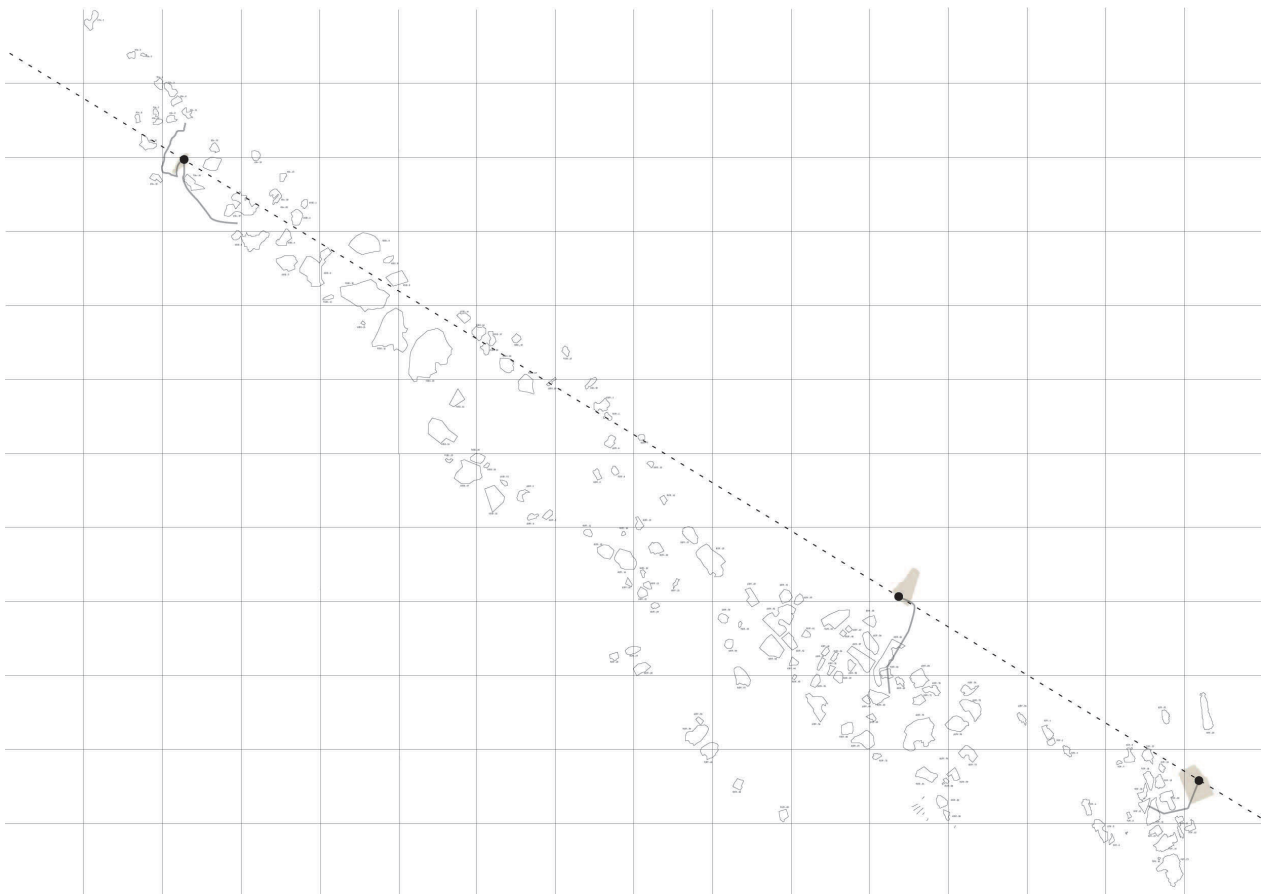


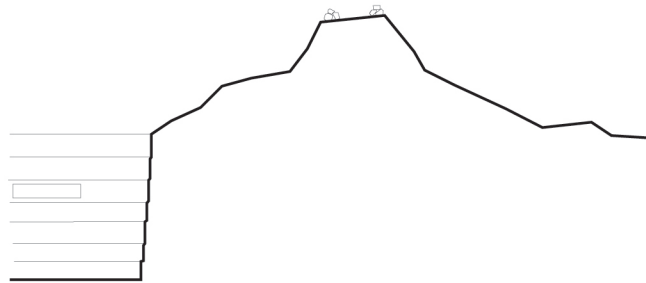
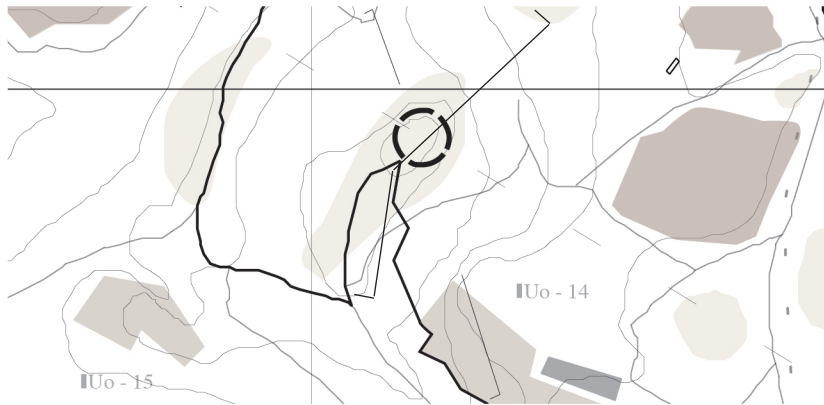
**UC-L1** *A colagem foi realizada a partir de fotografias da UNOR 3, Vila Viçosa, 2016 e de uma fotografia de Nelson Garrido de um edifício de Souto de Moura, São Lourenço do Barrocal, 2016.*

0 8m

# UC - E

## Vestígios e solstícios





0 35m





UC-L 1 a colagem foi realizada a partir de uma fotografia da pedreira Uo-14, na UNOR 3, Vila Viçosa, 2016

UD

# Arqueologia do futuro



É impossível datar a criação do mármore, porque não tem fósil. *Olival, UNOR 4, 2016, Vila Viçosa*



No Egipto, uma escultura ou um desenho que não tem legenda não era considerado como vivo.

A arqueologia do futuro questiona a noção de continuidade do projeto no tempo enquanto permite uma deriva no sítio.

### **UD-P Olho do fóssil**

Uma sinalética versátil. A parte de cima pode mudar-se. Entre o recetáculo e o mapa fica uma camada de cortiça. Assim a matéria orgânica regista a última vez que o mapa foi redesenhado e a sinalética em si fossiliza a ocupação do sítio.

### **UD -x O atlas de esculturas sem escultor**

Como numa tabela periódica, todas as pedreiras são registadas, com o seu código, a sua localização, a sua profundidade e se tem água ou não.

### **UC-x O mapa**

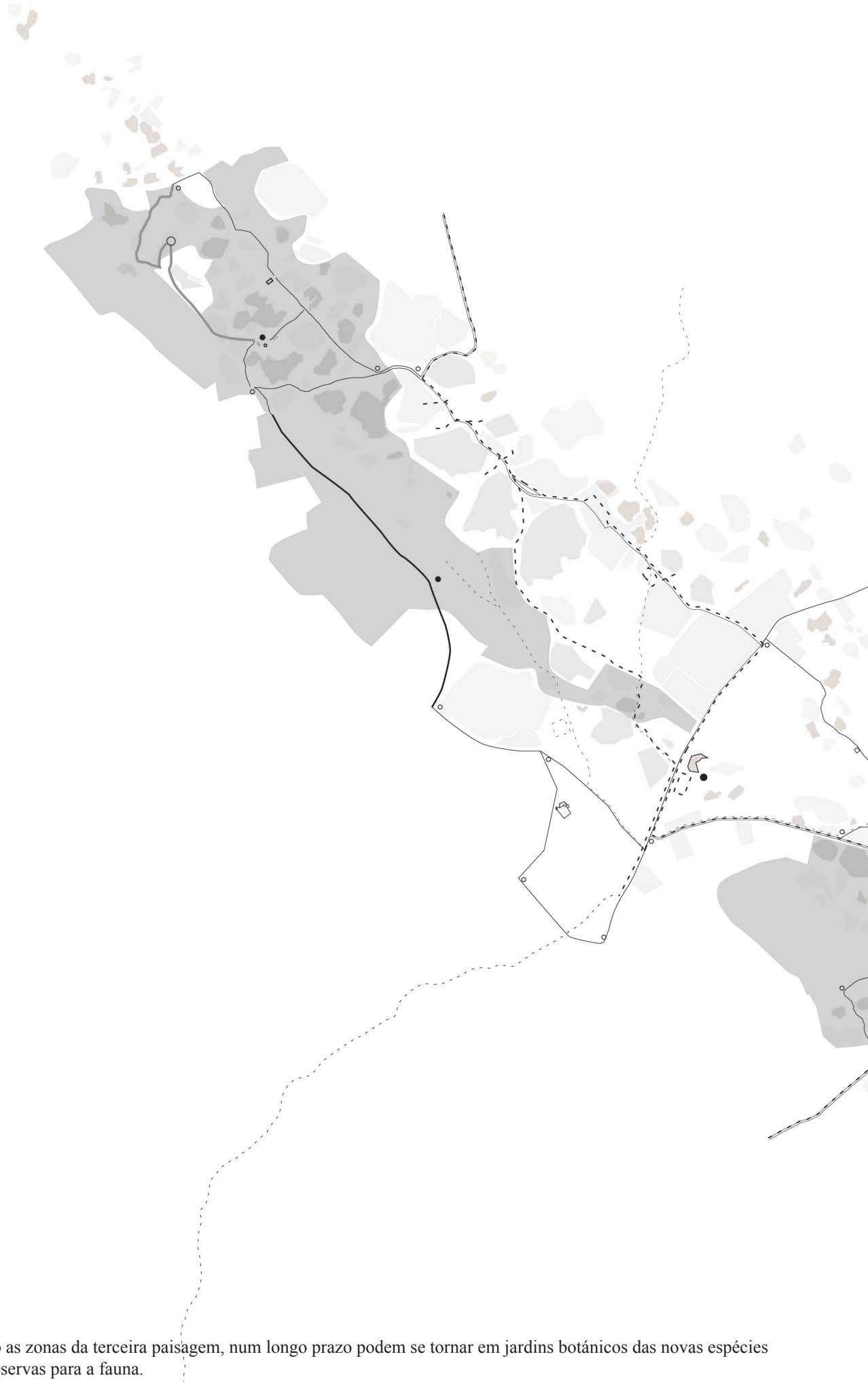
O mapa, tem dois lados, um da taxonomia e o outro sobre a história.

Assim reencontramos a alquimia da viagem.

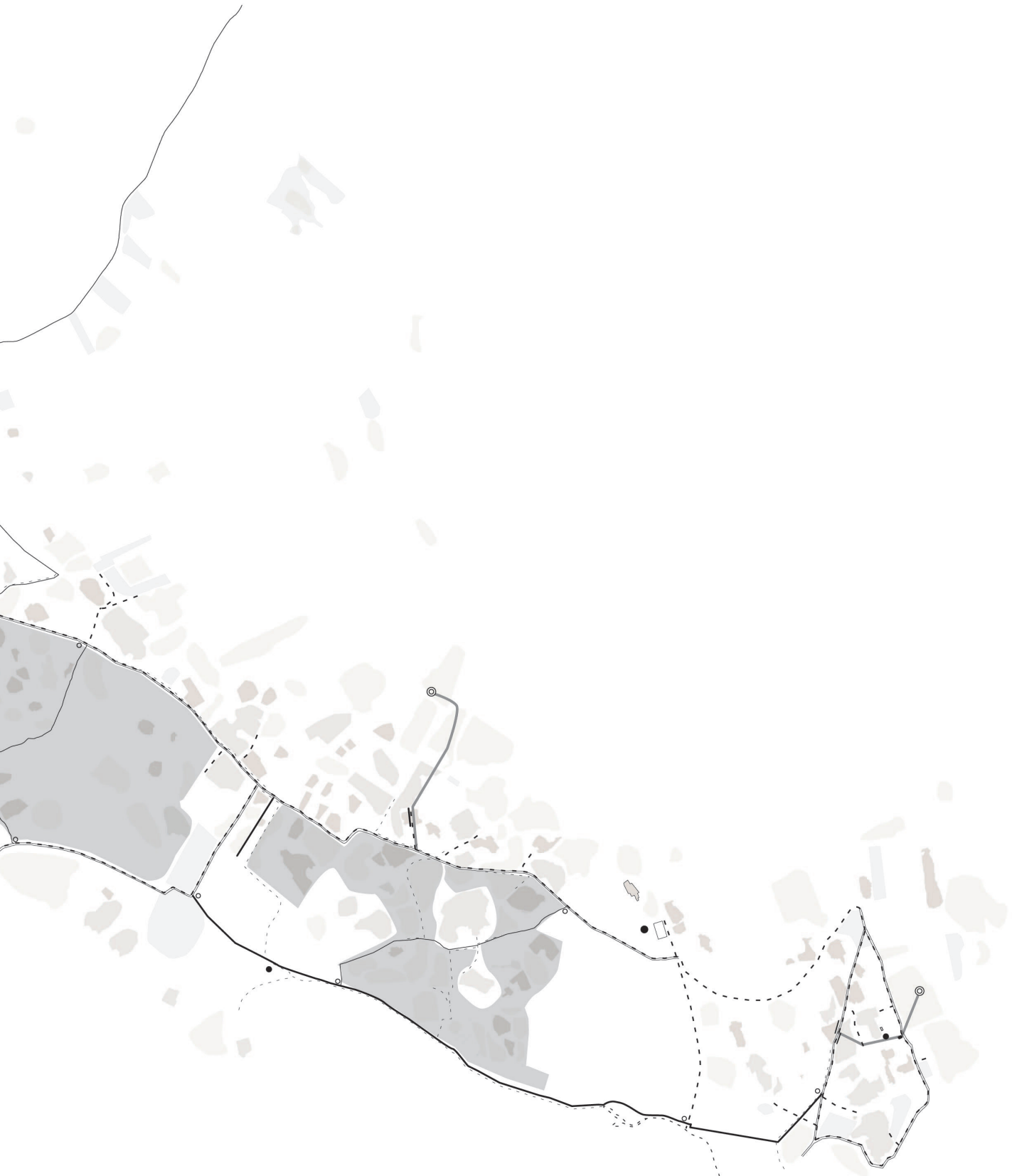
A transformação do tempo no espaço e do espaço no tempo.

Com esta mapa, temos a possibilidade de nos perder, concentrando a nossa atenção fora, sentimos mais o dentro.

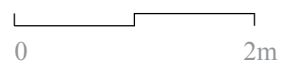
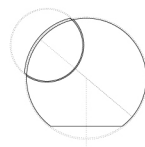
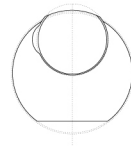
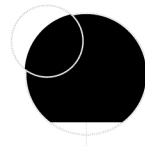
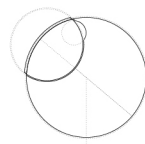




Em cinzento as zonas da terceira paisagem, num longo prazo podem se tornar em jardins botânicos das novas espécies vegetais e reservas para a fauna.







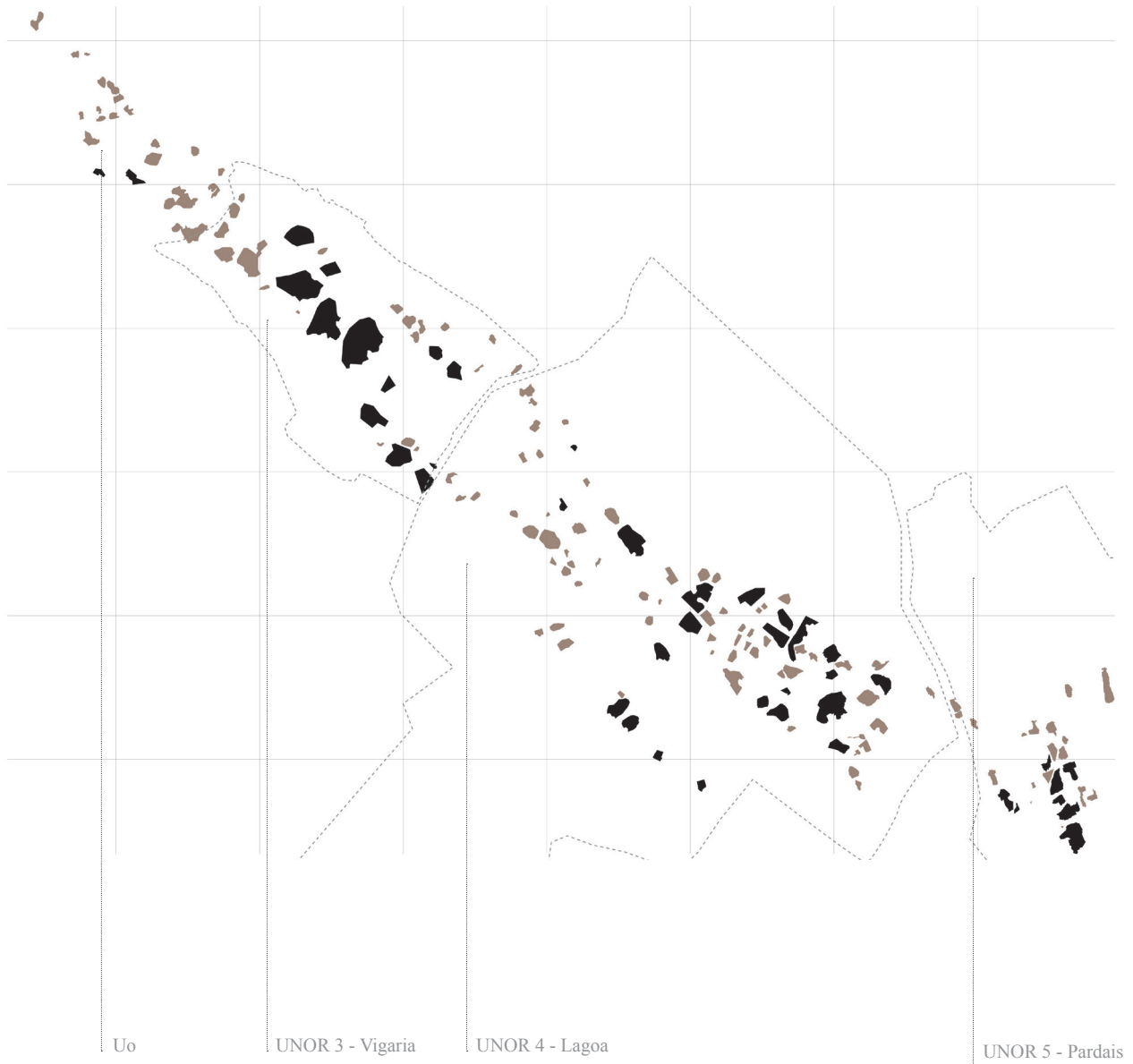


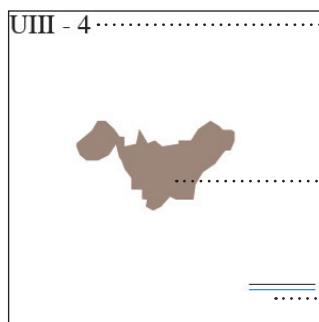
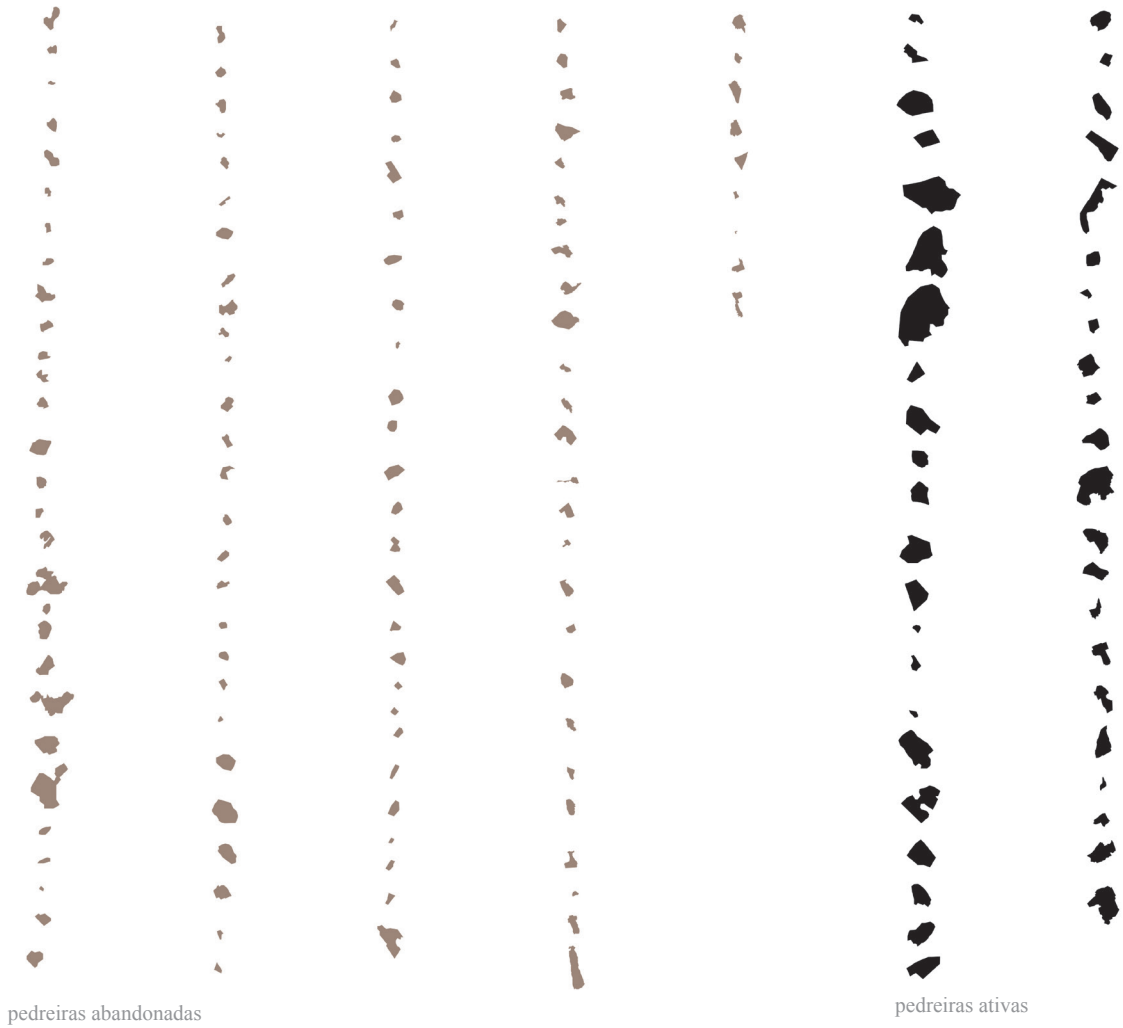


**UD - P** A parte onde esta gravada a planta pode mudar com o proprio desenho do itinerário  
*A colagem foi realizada a partir de fotografias da escultura de Adeline de Monseignat "Ojo Fecundo" e da planta do projeto.*

# UD - X

o Atlas de esculturas sem escultor



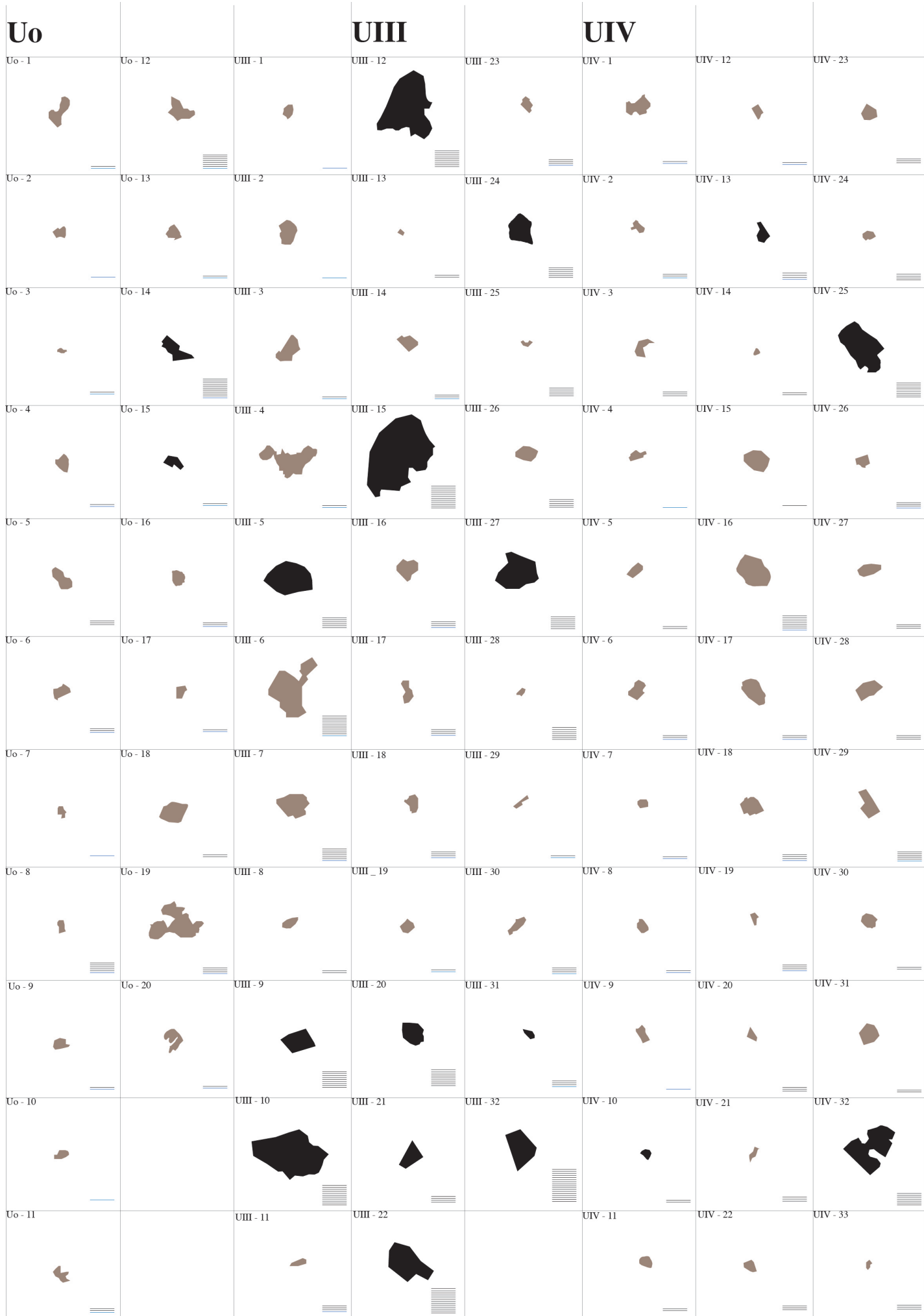


Nome  
UIII = UNOR 3  
-4 = a quarta pedra seguindo o eixo noroeste

limite da pedra em 2016 seguindo google maps

profundidade da pedra, cada linha significa "um piso" = 4 metros  
linha azul = presença de água





UV

UIV - 34	UIV - 45	UIV - 56	UIV - 67	UIV - 78	UV - 1	UV - 12	UV - 23
UIV - 35	UIV - 46	UIV - 57	UIV - 68	UIV - 79	UV - 2	UV - 13	UV - 24
UIV - 36	UIV - 47	UIV - 58	UIV - 69	UIV - 80	UV - 3	UV - 14	UV - 25
UIV - 37	UIV - 48	UIV - 59	UIV - 70	UIV - 81	UV - 4	UV - 15	
UIV - 38	UIV - 49	UIV - 60	UIV - 71	UIV - 82	UV - 5	UV - 16	
UIV - 39	UIV - 50	UIV - 61	UIV - 72	UIV - 83	UV - 6	UV - 17	
UIV - 40	UIV - 51	UIV - 62	UIV - 73	UIV - 84	UV - 7	UV - 18	
UIV - 41	UIV - 52	UIV - 63	UIV - 74		UV - 8	UV - 19	
UIV - 42	UIV - 53	UIV - 64	UIV - 75		UV - 9	UV - 20	
UIV - 43	UIV - 54	UIV - 65	UIV - 76		UV - 10	UV - 21	
UIV - 44	UIV - 55	UIV - 66	UIV - 77		UV - 11	UV - 22	

# UD - X

o Mapa do espaço no tempo



a taxonomia, o tempo no espaço

# ITINERÁRIO DE UM NÃO LUGAR

The image is a detailed architectural and archaeological presentation. At the top, there is a horizontal strip containing various diagrams, maps, and technical drawings. Below this, the main content is organized into four vertical sections, each labeled 'UO' (Unidade Organizadora):

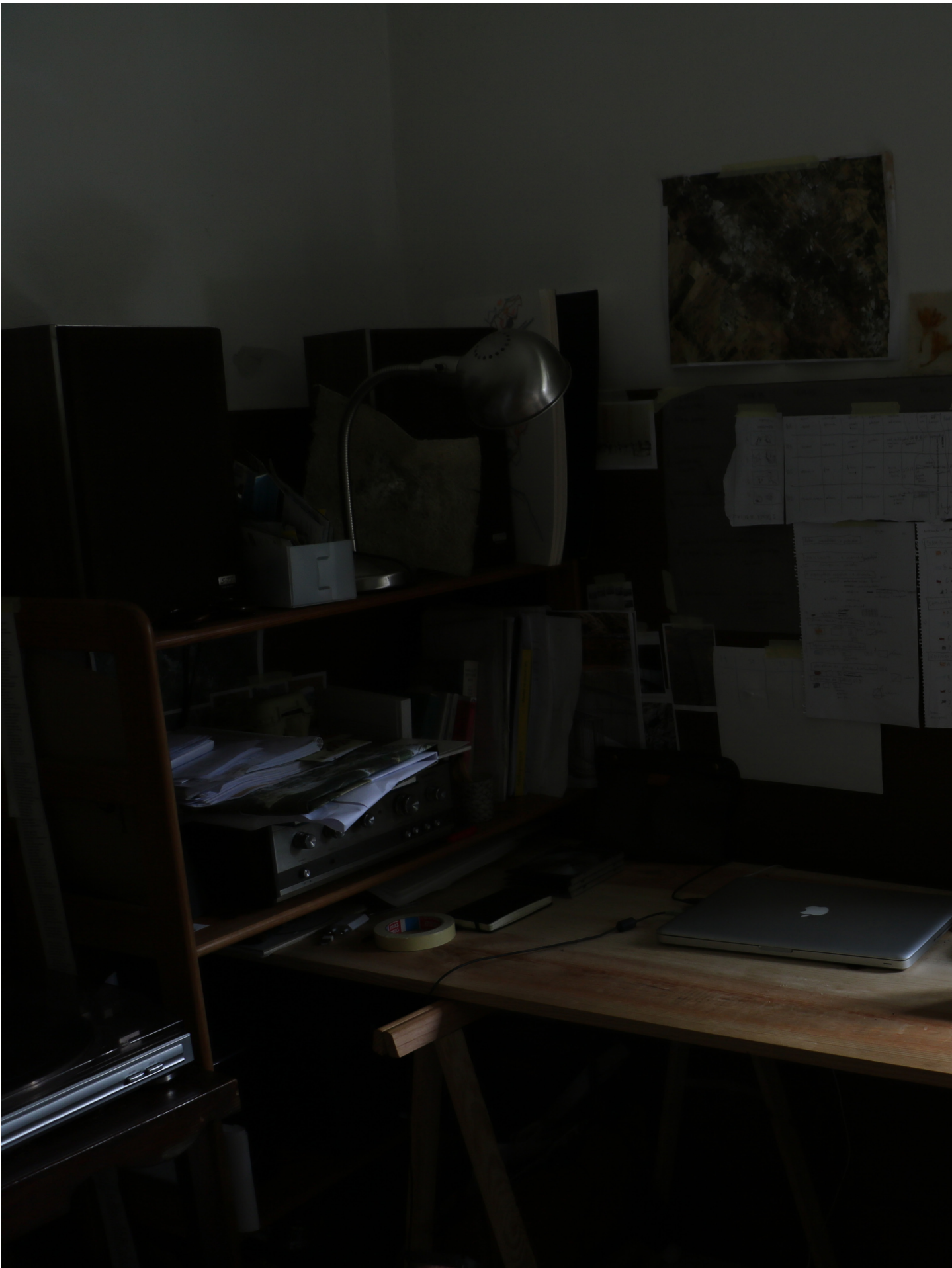
- UO - A: Palimpsesto de cal** (Plaster Palimpsest): Includes a diagram of a layered wall structure and a grid of 10 small images showing different textures and colors of plaster.
- UO - B: Seguir a Água** (Follow the Water): Includes a diagram of a water flow system and a grid of 10 small images showing water-related elements and textures.
- UO - C: Observatório de pedra** (Stone Observatory): Includes a diagram of a stone structure and a grid of 10 small images showing stone textures and forms.
- UO - D: Arqueologia do futuro** (Future Archaeology): Includes a diagram of a stone structure and a grid of 10 small images showing various objects and textures.

At the bottom of the grid, there are several larger diagrams and images, including a map of a site, a cross-section of a building, and a series of small images showing birds and flowers. The overall layout is clean and professional, with a focus on material and spatial exploration.

a história, o espaço no tempo, os documentos ficam em anexo









*“Nothing exists on its own; everything is a part of a total harmony. All things are interconnected; for they are all affected and changed by each other. We can apprehend one thing only through the intermediary of everything else.”*

Dimitri Pikionis, *A sentimental topography*

*W. Herzog: Do you think that the painting in Chauvet caves were somehow the beginning of the modern human soul? What constitutes humanness ?*

*Arqueologist: Humanness is a very good adaptation in the world so the man society needs to adaptate to the landscape, to the other beings, to the animals and to other human groups to. And to communicate something and to inscribe the memory on very specific things like walls, pieces of wood, bones, this is the invention of Cro Magnon.*

*With the invention of figuration, of animals, of men, of things. It's a way of communication between humans and its future, to evocates the path, to transmit information that is very better than language and oral communication. And this invention is still the same in our world today with this camera for example.”*

Werner Herzog *The cave of the forgotten dreams, 2015*

*Foi a descoberta das pinturas rupestres de Côa que impediu a construção da barragem.*

Quando voltei ao hotel, alguns meses depois da primeira viagem, a empregada de limpeza manteve o pequeno bloco de mármore cor-de-rosa numa despensa pensando que era uma escultura.

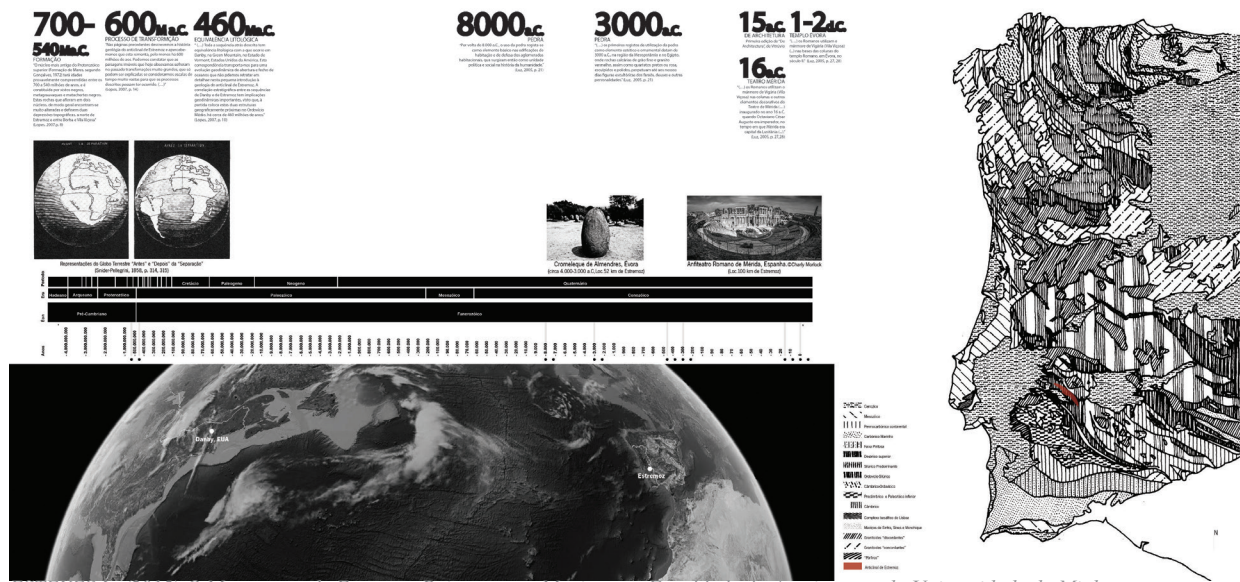
As coisas não são o que acreditamos, depende do contexto, da utilização ou da nossa educação.

As infraestruturas, as grandes indústrias; os sítios de produção de energia, estão geralmente fechados ao público, muitas vezes distante dos centros das cidades e de difícil acesso. Google Maps permite-nos sobrevoar estes equipamentos; reconhecendo os seus limites, e desenho na paisagem. Contudo, fica a faltar a experiência do corpo para perceber a escala destes lugares.

Nos precisamos destas infraestruturas, temos que aceitá-las, conhecê-las para uma utilização mais consciente. Da extração à utilização, a matéria e a energia deixam marcas que não devemos tentar esconder, pelo contrário, expô-las e contemplá-las. A atividade humana não está separada da natureza, mas faz parte dela. Esta destruição é uma transformação que temos de equilibrar.

Talvez deveríamos observar os sistemas que criamos e tentar integrá-los nos sistemas envolventes. Uma simbiose que pode criar a paisagem cultural em vez de paisagens industriais.

# Anexos



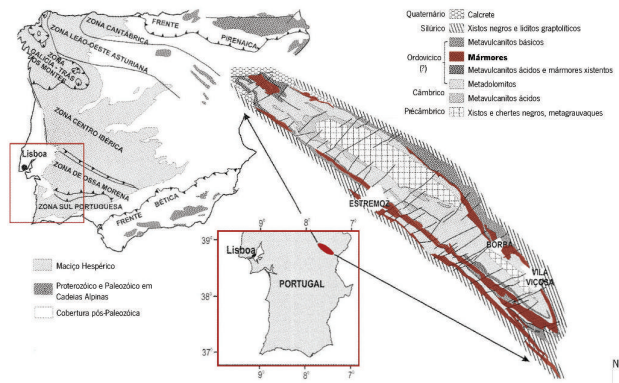
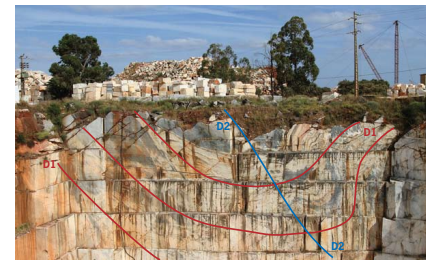
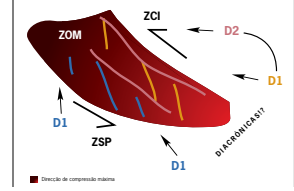


Fig. 5 - Enquadramento geológico do Aedifício de Estremoz na Península Ibérica. Fonte: (Henriques, 2006, p.159)

<sup>14</sup> Lotze, F. (1945) - Zur Gliederung der Varisciden der Iberischen Meseta. Geotect Forsch, vol. 6, p.78-92.

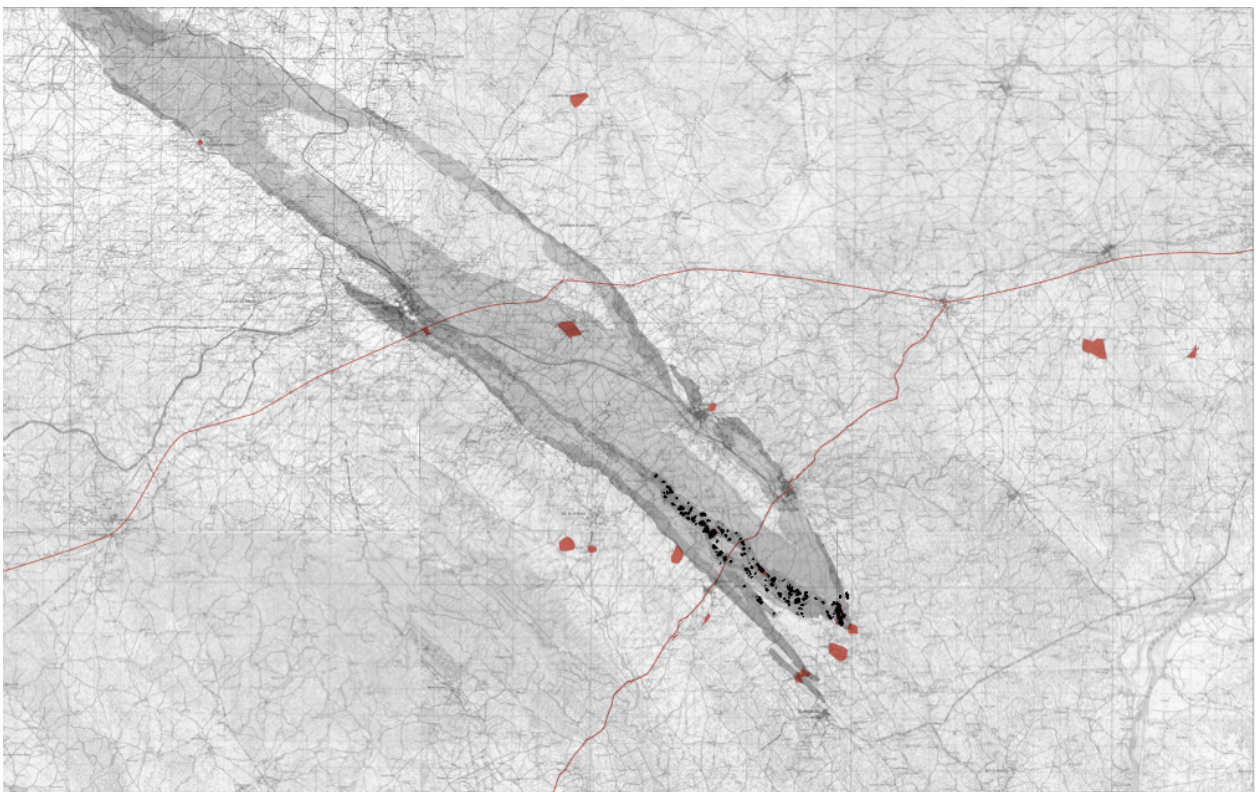


que os marmores apresentam compressões, e que os



ESTEVES L. (2015) O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento. Faculdade da Arquitectura da Universidade do Minho

CASAL MOURA, (dir) INETI. (2012). Mármores e calcários ornamentais de Portugal. INETI



planta da ocupação romana, do aquífero e da zona dos mármoreos  
planta realizada a partir da carta militar e da tese de André Carneiro Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo  
e do artigo de Midoes o Sistema Aquífero Estremoz-Cano

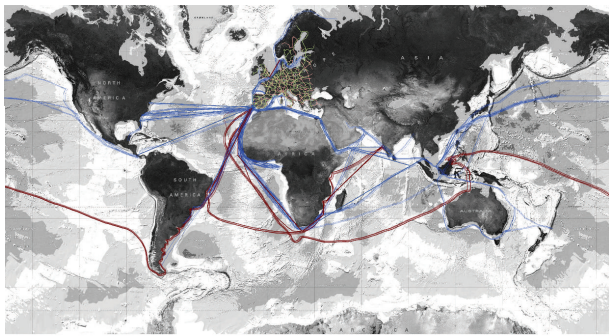
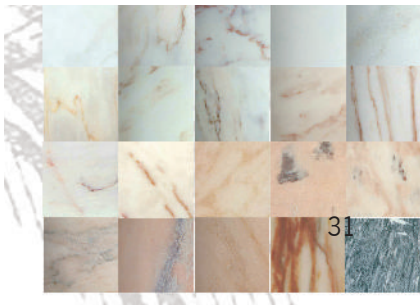
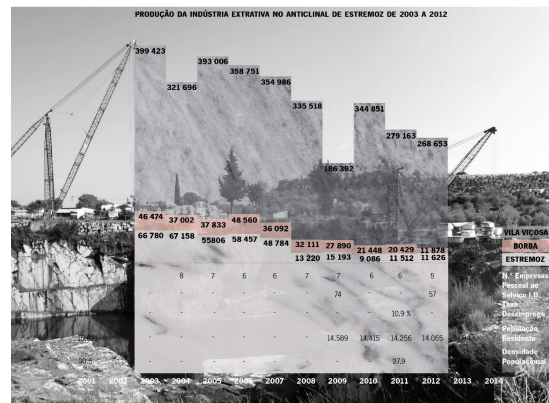
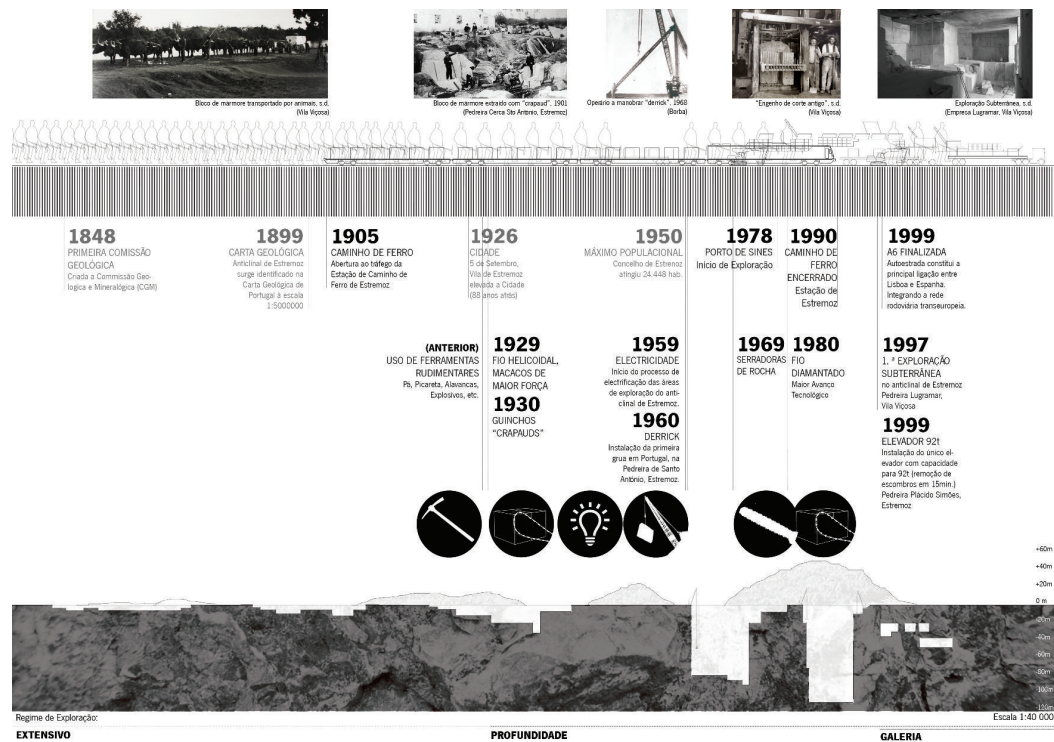


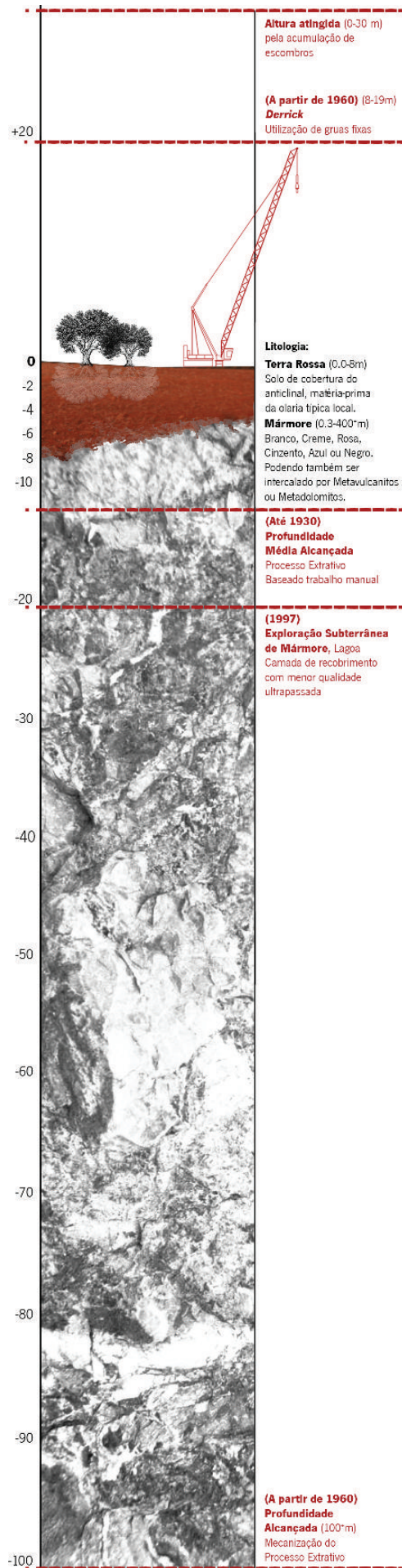
Fig. 30 – Rotas de exportação (perspetiva global)



ESTEVEES L. (2015) *O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento*. Faculdade da Arquitectura da Universidade do Minho



ESTEVES L. (2015) O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento. Faculdade da Arquitectura da Universidade do Minho



ESTEVES L. (2015) O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento. Faculdade da Arquitectura da Universidade do Minho



Figura 8 – Três exemplares do género *Cistus*, plantas arbustivas típicas dos matos mediterrânicos presentes nas pedreiras analisadas. Da esquerda para a direita temos a flor de sanganho-mouro ou estevinha (*Cistus salviifolius*), a flor de esteva (*Cistus ladanifer*) e a flor de roselha (*Cistus crispus*). Fotografias de David Germano.



Figura 6 – Dois exemplares de Cágado-mediterrânico (*Mauremys leprosa*), Cobra-de-água-viperina (*Natrix naura*) e Perca-sol (*Lepomis gibbosus*). Fotografias de David Germano.



Figura 7 – Rã-verde (*Rana perezi*), Lagartixa-do-mato ou Sardanisca-algerina (*Psammodromus algirus*) e macho de Libélula-escarlate (*Crocothemis erythraea*). Fotografias de David Germano.

GERMANO D. (2013) *O impacte das pedreiras inactivas na fauna, flora e vegetação da zona dos mármore: problema ou benefício?*

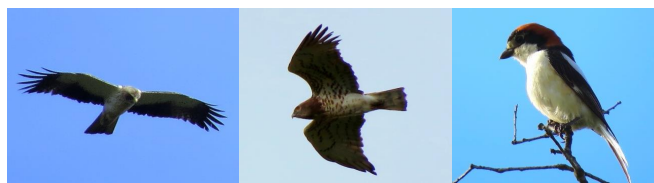


Figura 4 – Águia-calçada (*Aquila pennata*), Águia-cobreira (*Circaetus gallicus*) e Picanço-barreteiro (*Lanius senator*), três exemplares captados nas pedreiras analisadas com estatuto de espécie quase ameaçada (Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal, 2005). Fotografias de David Germano.



Figura 5 – Fêmea de Pato-real (*Anas platyrhynchos*), Alvéola-branca (*Motacilla alba*) e juvenil de Melro-azul (*Monticola solitarius*). Estes três exemplares captados nas pedreiras analisadas pertencem as espécies associadas a biótopos aquáticos. No caso da Alvéola-branca e do Melro-azul, são espécies que preferem zonas aquáticas dominadas por rochas e escassa vegetação emergente enraizada (Godinho *et al.*, 2010), tal como ocorre nestas pedreiras. Fotografias de David Germano.

GERMANO D. (2013) *O impacte das pedreiras inactivas na fauna, flora e vegetação da zona dos mármore: problema ou benefício?*

# Bibliografia

- ALVES D. (dir) CECHAP (2014). *Mármore, património para o Alentejo, contributos para a sua história*. Talenti-razão
- AUGÉ M. (1992) *Non-lieux, introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Editions du seuil
- BAPTISTA A (1999) *No tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Parque Arqueológico Vale do Côa
- BESSE J. (dir) (2015) *Les carnets du paysage, Archéologies n°27*. Actes Sud
- BESSE J. (dir) (2016) *Les carnets du paysage, Déchets n°29*. Actes Sud
- BESSE J. (dir) (2004) *Les carnets du paysage, Cheminements n°11*. Actes Sud
- BINET H. (1989) *Dimitris Pikionis, a sentimental topography*. Architectural Association
- BRAAE E. (2015) *Beauty Redeemed, recycling post-industrial landscape*. Birkhäuser
- CASAL MOURA.(dir) INETI. (2012). *Mármore e calcários ornamentais de Portugal*. INETI
- CARERI F. (2013) *Walkscapes. O caminhar como pratica estetica*. Gustavo Gili
- CARVALHO, J. M. (2008). *Cartografia Temática do Anticlinal: Zona dos Mármore*. Lisboa: CEVALOR, INETI.
- CARNEIRO A. (2014) *Lugares, tempos e pessoas: povoamento rural romano no Alto Alentejo*, Imprensa da Universidade de Coimbra; Annablume Editora
- CLEMENT G. JONES L. (2006) *Une écologie humaniste*. Aubanel
- CLEMENT G. (2012) *Une brève histoire des jardins*. JC Behar
- CLEMENT G. (2016) *Des jardins et des hommes*. Bayard
- DIDI-HUBERMAN (2000) *Être crâne, lieu, contact, pensée, sculpture*. Les éditions de minuit
- DIXON HUNT J. (2014) *Historical Ground, The role of history in contemporary landscape architecture*. Paperback
- ESTEBAN C. (1971) *Chillida*. Maeght Editeur
- ESTEVEZ L. (2015) *O Marmorear de Estremoz: Paisagem em Movimento*. Faculdade da Arquitectura da Universidade do Minho
- FIEIRI V (2010) *Quarry architecture*. Arselane Editrice
- FILIFE C (dir) (2014) *A Rota do Mármore do anticlinal de Estremoz*. Centro de Estudos de História Contemporânea
- FOCILLON H. (1934) *Vie des formes*. Leroux
- GRANDE J. (2004) *Art Nature Dialogue*. State University of New-York
- GERMANO D. (2013) *O impacte das pedreiras inactivas na fauna, flora e vegetação da zona dos mármore: problema ou benefício?*
- GRENIER C. (2004) *Giuseppe Penone*. Centre Georges Pompidou

- GRIMAL P. (1960) *La civilisation romaine*. Flammarion
- JELLICOE G. (1991) *The landscape of man*. Thames and Hudson
- LLOYD S. MÜLLER H. (1972) *Architecture des origines*. Gallimard
- MACHABERT D (2007) *Siza au Thoronet, le parcours et l'oeuvre*. Editions Parenthèses
- MACHABERT D (2012) *Souto de Moura, Au Thoronet le diable m'a dit...* Editions Parenthèses
- MALISSARD A. (1994) *Les romains et l'eau*. Realia
- MIDÔES, C., & COSTA, A. M. (2010). *Sistema Aquífero Estremoz-Cano*. Alfragide: LNEG.
- MURE V (2008). *Mémoires de Garrigue, histoires d'un paysage méditerranéen*. Site du Pont du Gard
- PACQUOT T. (2016) *Le paysage*. La découverte
- PRIGANN H. (2004) *Ecological aesthetics : art in environmental design : theory and practice*. Birkhäuser
- PROVIDÊNCIA P. (2016) *Arquitectura Percepta, Texts and Images 1989-2015*. Park books
- RIBEIRO, T. (2011). *Valorização de escombros da indústria extractiva de mármore no Alentejo*. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova .
- SEMIN D (2015) *Giuseppe Penone, Regards croisés*. 5 Continents
- TIBERGHIEU, G. A. (1993) *Land art*. Editions Carré
- TIBERGHIEU, G. A. (2001). *Nature, Art, Paysage*. Actes Sud
- TIBERGHIEU, G. A. (2011) *Le principe de l'axolotl & suppléments, essai sur les voyages*. Actes Sud
- TOSTOES C. CARAPINHA A (2016) *Gulbenkian, Arquitectura e paisagem*. Fundação Calouste Gulbenkian
- URSPRUNG P. CCA (2005) *Herzog & de Meuron, Natural History*. Lars Müller Publishers
- VOGT G. (2015) *Landscape as a cabinet of curiosities*. Lars Müller Publishers
- ZIMMERMANN A. (2011) *Constructing Landscape*. Birkhäuser



**Itinerario de um não lugar**

Flora Gabrielle Pia di Martino

FACULDADE DE ARQUITETURA



